



Seminário Internacional de
Bioeconomia e Sociobiodiversidade

LEVANTAMENTO E SISTEMATIZAÇÃO DE BIOECONOMIA – *CASES* E BOAS PRÁTICAS NOS ESTADOS AMAZÔNICOS



Instituto Sapien

Brasília - 2025



Seminário Internacional de
Bioeconomia e Sociobiodiversidade

LEVANTAMENTO E SISTEMATIZAÇÃO DE BIOECONOMIA – *CASES* E BOAS PRÁTICAS NOS ESTADOS AMAZÔNICOS



Instituto Sapien

Brasília - 2025

**LEVANTAMENTO E SISTEMATIZAÇÃO DE BIOECONOMIA CASES E BOAS PRÁTICAS NOS
ESTADOS AMAZÔNICOS – TXAI AMAZÔNIA: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIOECONOMIA E
SOCIOBIODIVERSIDADE**

Rio Branco, Acre – 25 a 28 de junho de 2025



REALIZAÇÃO: INSTITUTO SAPIEN

| | |
|---|---|
| GOVERNO FEDERAL MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL Ministro: Waldez Góes SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL E TERRITORIAL (SDR) Secretário: Daniel Alex Fortunato DEPARTAMENTO DE PROJETOS E SISTEMAS PRODUTIVOS REGIONAIS E TERRITORIAIS (DSRT) Diretora: Rosimeire Fernandes da Silva GOVERNO DO ESTADO DO ACRE Governador: Gladson Cameli SECRETARIA EXTRAORDINÁRIA DOS POVOS INDÍGENAS DO ESTADO DO ACRE (SEPI) Secretária: Francisca Arara | SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO DO ACRE (SEPLAN) Secretário: Ricardo Brandão FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO ACRE (FAPAC) Presidente: Moisés Diniz PRODUÇÃO EXECUTIVA: Salejandra Alves Santos ENTREVISTADORES: Liliane Silva e Rafael Pereira EDIÇÃO, REDAÇÃO E REVISÃO: Izabel Odete Valente Machado (jornalista, MTb 16.914 - DRT/SP) PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Walter Leonardo Carvalho Vasconcelos, Wagner Castro e Leila Oliveira FOTOS: Agência Nexo |
|---|---|

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Levantamento e sistematização de bioeconomia
cases e boas práticas nos Estados amazônicos :
TXAI Amazônia [livro eletrônico] :
seminário internacional de bioeconomia e
sociobiodiversidade / Instituto Sapien. --
Brasília, DF : Ed. dos Autores, 2025.
PDF

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-01-82257-0

1. Amazônia - Aspectos ambientais 2. Amazônia -
Aspectos jurídicos 3. Amazônia - Aspectos sociais
4. Bioeconomia 5. Desenvolvimento econômico -
Aspectos ambientais - Brasil 6. Startups
I. Instituto Sapien.

25-319539.0

CDD-338.981

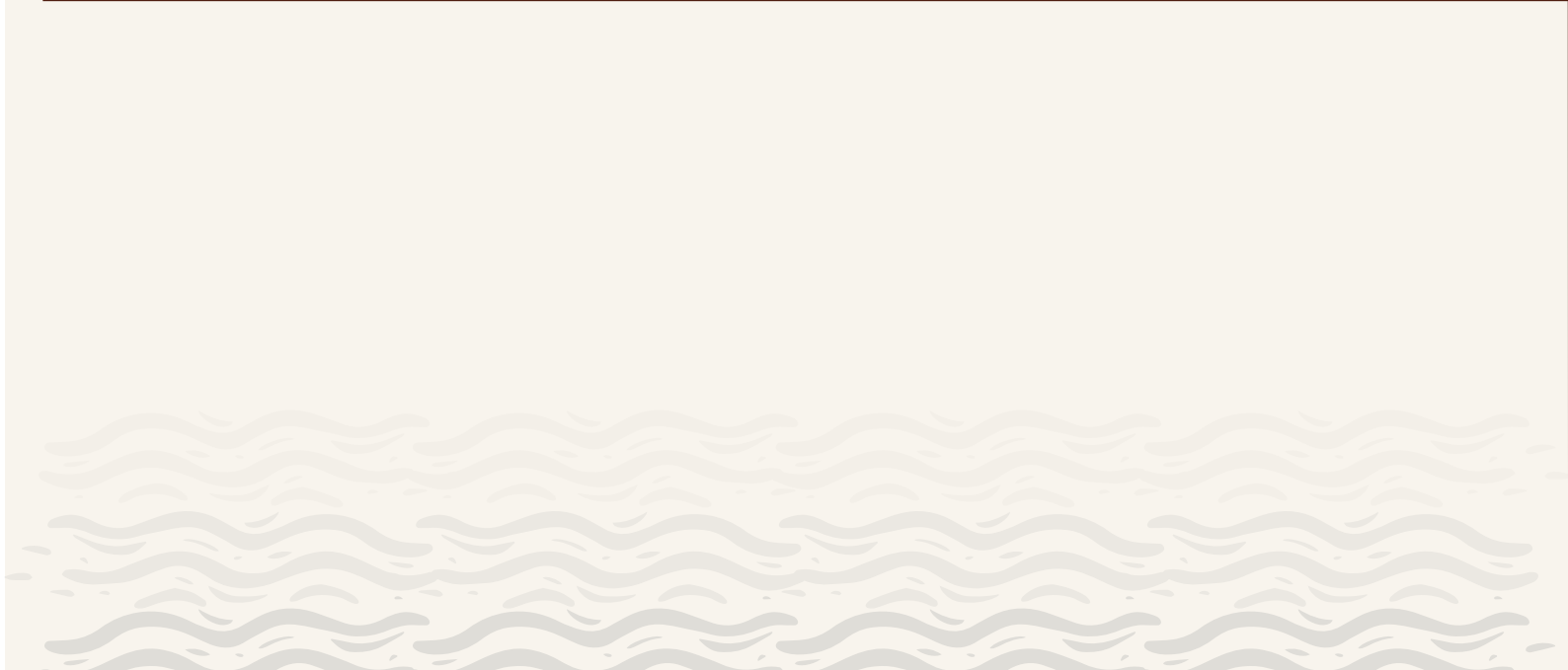
Índices para catálogo sistemático:

1. Bioeconomia : Brasil : Desenvolvimento econômico :
Economia 338.981

| | |
|---|-----------|
| 1. APRESENTAÇÃO | 7 |
| 2. INTRODUÇÃO: BIOECONOMIA NA AMAZÔNIA | 9 |
| 3. CASES DE EMPREENDIMENTOS DE BIOECONOMIA | 11 |
| 3.1 AMAZON BIOTECHNOLOGY | 11 |
| 3.2 AMAZONLY COSMETICS | 14 |
| 3.3 ASSOCIAÇÃO DIANOPOLINA DE ARTESÃOS (ADA) / ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DE DIANÓPOLIS – CASA DOURADA | 17 |
| 3.4 AUTORIDAD PLURINACIONAL DE LA MADRE TIERRA (APMT, BOLÍVIA) | 20 |
| 3.5 BAMBUZINI ESCOLA DE BIOCONSTRUÇÃO | 23 |
| 3.6 CARVÃO DE AÇAÍ | 27 |
| 3.7 COLETIVO DO PIRARUCU – GOSTO DA AMAZÔNIA | 30 |
| 3.8 DA TRIBU | 33 |
| 3.9 DAVAL ALIMENTOS AMAZÔNICOS | 37 |
| 3.10 ESSÊNCIAS DA CHAPADA – FÁBRICA DE ÓLEOS ESSENCIAIS | 40 |
| 3.11 JL PAULA JR DESIGN PRODUTOS E BRANDING | 42 |
| 3.12 MANUTATA (PERU) | 45 |
| 3.13 NATURA EKOS | 48 |
| 3.14 PROJETO MAM GÁP | 52 |
| 3.15 PRONATUS AMAZONAS | 55 |
| 3.16 QUEBRADEIRAS DE COCO – CASA REDE CERRADO | 58 |
| 3.17 RECA – REFLORESTAMENTO ECONÔMICO CONSORCIADO E ADENSADO | 61 |
| 3.18 SABOARIA RONDÔNIA DE OURO PRETO DO OESTE | 64 |
| 3.19 YUPRIMAVERA COMUNIDADE KAUWÊ | 67 |
| 4. COOPERAÇÃO E CAPACITAÇÃO – UNIVERSIDADE SEBRAE ARTICULAÇÃO ENTRE SABER ACADÊMICO E EMPREENDEDORISMO | 70 |
| 5. SÍNTESE EXECUTIVA | 72 |
| 6. SÍNTESE ANALÍTICA CONSOLIDADA DAS ENTREVISTAS | 73 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 76 |



SUMÁRIO



1. APRESENTAÇÃO

A Região Amazônica apresenta oportunidades concretas de transformação e desenvolvimento a partir da bioeconomia, ao integrar estratégias de conservação ambiental e inclusão social, uso responsável dos recursos naturais e valorização dos territórios e dos conhecimentos das populações indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais com a ciência, a inovação e a tecnologia.

O **TXAI AMAZÔNIA – SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIOECONOMIA E SOCIOBIODIVERSIDADE**, promovido pelo **Instituto Sapien** em junho de 2025, em Rio Branco, capital do Acre, foi oportunidade única para aprofundar o debate sobre o desenvolvimento de atividades econômicas, com foco na bioeconomia da Amazônia Legal.

Com o objetivo de destacar iniciativas que contribuem para transformar a realidade da Amazônia, a partir de práticas sustentáveis, comunitárias, inclusivas e inovadoras, em paralelo ao Seminário foi proposta a apresentação de *cases* selecionados por curadoria. Para chegar à identificação dos casos a serem apresentados, foram consultadas quase 40 iniciativas dos nove estados brasileiros e dos países da fronteira com a Amazônia Legal.

Inicialmente, o objetivo era apresentar dois *cases* por Estado e países vizinhos. No entanto, questões como disponibilidade de agenda, dificuldades de acesso e logística possibilitaram a seleção e a participação efetiva de 19 empreendimentos. A identificação considerou critérios como:

- Representatividade e diversidade de contextos regionais;
- Cadeias produtivas relevantes;
- Experiências inovadoras;
- Boas práticas em curso;
- Referências internacionais em conexão com os princípios da bioeconomia.

A seleção foi desenvolvida a partir dos critérios estabelecidos pela Curadoria do **TXAI AMAZÔNIA**, que definiu eixos temáticos para nortear os debates e qualificar os *cases* a serem apresentados durante a programação. Os sete eixos estratégicos estabelecidos foram: 1 - Bioeconomia e Sociobiodiversidade; 2 - Bioeconomia Amazônica – Produtos e Serviços; 3 - Governança, Políticas Públicas e Bioeconomia; 4 - Organização da Produção e Cadeias Produtivas na Bioeconomia; 5 - Mudanças Climáticas, Serviços Ambientais e Território na Amazônia; 6 - Ciência, Pesquisa, Inovação e Saberes Tradicionais Amazônicos; e 7 - Financiamentos e Investimentos para a Bioeconomia na Amazônia.

Os representantes dos empreendimentos escolhidos participaram de oficinas para orientação sobre a metodologia de apresentação dos *cases*. Ao final, como resultado, foi elaborado este relatório, denominado **“Levantamento e Sistematização de Bioeconomia – Cases e Boas Práticas nos Estados Amazônicos”**. O estudo consolida informações sobre as atividades de bioeconomia apresentadas e tem por objetivo ser um mapeamento preliminar das atividades de bioeconomia desenvolvidas na Região Amazônica. Além disso, possibilita uma radiografia, na visão dos entrevistados, sobre a bioeconomia regional, considerando aspectos como outros *cases*, políticas públicas disponíveis e potencial de crescimento dos empreendimentos na região.





Para a realização do **TXAI AMAZÔNIA – SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIOECONOMIA E SOCIOBIODIVERSIDADE**, o **Instituto Sapien** contou com parceria e apoio do Ministério da Integração e Desenvolvimento Regional (MIDR) e do Governo do Estado do Acre, por meio das Secretarias de Estado de Povos Indígenas (SEPI) e de Planejamento (SEPLAN), e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Acre (FAPAC), além de outras 25 instituições acreanas.

Assim a região Pan-Amazônica, o Cerrado e a Mata dos Cocais abrigam hoje um ecossistema crescente de bioempreendimentos que integram inovação, saberes tradicionais, conservação ambiental e geração de renda. O presente diagnóstico preliminar mapeia 19 empreendimentos distribuídos no Brasil, Bolívia e Peru. Estas iniciativas são detalhadas de acordo com a cadeia produtiva à qual estão vinculados (manejo florestal madeireiro e não madeireiro, pesca artesanal e aquícola, apicultura, artesanato de base florestal, gastronomia e turismo de base comunitária), além de *startups* (bioindústrias e de biotecnologia) que agregam valor aos produtos da floresta.

O levantamento buscou sistematizar os resultados dos *portfólios* e das apresentações, complementados por depoimentos sobre o potencial da bioeconomia na Amazônia – a partir de entrevistas realizadas com os representantes de cada *case*. Foram resumidos os pontos de vista dos entrevistados sobre o que é bioeconomia e temas considerados mais relevantes; práticas econômicas sustentáveis na localidade de atuação; desafios e impactos da atividade; e políticas públicas existentes e conhecidas, além de avaliação e contribuição de eventos como o **TXAI AMAZÔNIA**.

Esperamos que as informações norteiem as próximas edições do **TXAI AMAZÔNIA**, demonstrando o potencial da bioeconomia nos estados da Amazônia Legal brasileira e de países da fronteira. Boa leitura!

Lucas Varela

Presidente do Instituto Sapien



2. INTRODUÇÃO: BIOECONOMIA NA AMAZÔNIA

O conceito de bioeconomia, originalmente formulado pelo economista romeno Nicholas Georgescu-Roegen na década de 1970, estabelece uma visão integrada entre Economia, Física e Biologia, reconhecendo que o sistema econômico é um subsistema do Sistema Terra e, portanto, limitado pelas leis da natureza.

Essa concepção foi posteriormente ampliada por organismos internacionais, como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2009) e a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO, 2021), que associam a bioeconomia à utilização sustentável de recursos biológicos e biotecnológicos para promover transições produtivas em setores estratégicos (Instituto Sapien, 2025¹).

No contexto amazônico, a bioeconomia aborda o desenvolvimento sustentável, em união com saberes tradicionais, ciência e inovação, buscando valorizar os ativos naturais da floresta e gerar alternativas econômicas baseadas na conservação, regeneração e uso responsável da biodiversidade.

Estrutura das Cadeias Produtivas

Dois estudos desenvolvidos pelo **Instituto Sapien** para subsidiar os debates do Seminário **TXAI AMAZÔNIA** apresentam conceitos sobre bioeconomia e abordam as potencialidades e desafios para as cadeias produtivas da Amazônia Legal. As duas pesquisas tiveram por objetivo contribuir com subsídios para o debate e a formulação de políticas públicas, estratégias de investimento e ações concretas voltadas à construção de uma bioeconomia sólida, inclusiva e sustentável na Amazônia.

O primeiro estudo, denominado **“Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento da Bioeconomia Amazônica Brasileira: Levantamento geral dos ativos ambientais dos nove estados da Amazônia Legal”**,² elaborado por Frank Leone de Sousa Pantoja e Ana Rosa Figueiredo, reuniu um conjunto de informações abrangentes sobre a bioeconomia e suas oportunidades na transformação dos modelos produtivos da Amazônia, abordando desde fundamentos teóricos e históricos até propostas concretas de políticas públicas, marcos regulatórios, cadeias produtivas sustentáveis e mecanismos de financiamento. Um segundo estudo apresenta um **“Diagnóstico das Cadeias Produtivas do Acre: Levantamento, Mapeamento e Dimensionamento da Bioeconomia Estadual”**,³ elaborado pela pesquisadora Dhuliani Cristina Bonfanti. Embora com foco no Acre, representa, de modo geral, a dinâmica da Amazônia Legal e pode ser usado como referência para a elaboração de diagnósticos específicos dos demais estados da região.

As duas pesquisas prévias apontam que as cadeias produtivas amazônicas, baseadas na sociobiodiversidade, possuem grande potencial econômico e ambiental, embora ainda se

¹ INSTITUTO SAPIEN, 2025. **Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento da Bioeconomia Amazônica Brasileira: Levantamento geral dos ativos ambientais dos nove estados da Amazônia Legal.** Coordenação geral: Ana Paula Rocha; pesquisadores Frank Leone de Sousa Pantoja, Ana Rosa Figueiredo. Brasília, DF, 2025. ISBN: 978-65-01-58456-0. Disponível em: <https://txaiamazonia.com.br/wp-content/uploads/2025/12/BIOECONOMIA.pdf>

² Idem.

³ INSTITUTO SAPIEN, 2025. **Diagnóstico das Cadeias Produtivas do Acre: Levantamento, Mapeamento e Dimensionamento da Bioeconomia Estadual.** Org. Lucas Varela. Pesquisadora: Dhuliani Cristina Bonfanti. Brasília, DF, 2025. ISBN 978-65-01-76955-4. Disponível em: https://txaiamazonia.com.br/wp-content/uploads/2025/11/RELATORIO_Levantamento-mapeamento-da-bioeconomia.pdf



encontrem em estágios variados de estruturação. O mapeamento regional identifica cadeias associadas a produtos florestais madeireiros e não madeireiros (como castanha, açaí, óleos vegetais e borracha), à pesca, ao turismo de base comunitária e aos bioinsumos e bioprodutos derivados da floresta.

Na Região Amazônica, os arranjos produtivos são diversificados, e vão desde o manejo sustentável da floresta até iniciativas inovadoras em *startups*, incorporando saberes locais, práticas de conservação e tecnologias modernas. Os recursos naturais tornam-se, assim, a base para a geração de renda, inovação, valorização cultural e inserção competitiva do Estado em cadeias produtivas regionais, nacionais e globais.

A organização produtiva envolve cooperativas, associações, agricultores familiares e comunidades tradicionais, com crescente participação de centros de pesquisa e empreendimentos inovadores, como as *startups*. O fortalecimento dessas cadeias requer integração entre os elos produtivos, agregação de valor local, infraestrutura adequada e inserção em mercados diferenciados que reconheçam a origem sustentável dos produtos amazônicos.

Desafios e Gargalos

Entre os principais desafios identificados estão a falta de indicadores oficiais sobre bioeconomia, o financiamento insuficiente, as deficiências de infraestrutura e logística, a falta de governança territorial e de regularização fundiária, além do *déficit* em pesquisa, desenvolvimento e inovação. Soma-se a esses fatores a baixa integração entre políticas públicas, a carência de incentivos fiscais e os entraves burocráticos para acesso a crédito e à comercialização. Esses gargalos limitam a capacidade da região de transformar sua biodiversidade em fonte sustentável de renda e bem-estar econômico e social.

Este “**Levantamento e Sistematização de Bioeconomia – Cases e Boas Práticas nos Estados Amazônicos**” consolida, assim, as informações sobre os *cases* apresentados durante o **TXAI AMAZÔNIA**, em ordem alfabética dos empreendimentos. Os casos participantes são experiências concretas que conectam inovação, geração de renda, saberes ancestrais e sustentabilidade.



3. CASES DE EMPREENDIMENTOS DE BIOECONOMIA

3.1 AMAZON BIOTECHNOLOGY



AMAZON BIOTECHNOLOGY: MUDAS PARA PROJETOS DE RECUPERAÇÃO AMBIENTAL E PRODUÇÃO FAMILIAR

Cadeia produtiva: biotecnologia e bioindústria (*startup*).

Organização/Instituição: Amazon Biotechnology.

Representante: Rodrigo Cordeiro, CEO.

Localidade: Rurópolis, Pará, Brasil.

Atuação: bioindústria que alia biotecnologia e sustentabilidade, focada na conservação de espécies amazônicas e no desenvolvimento de soluções tecnológicas replicáveis. Clonagem vegetal *in vitro*, produção de mudas para reflorestamento e agrofloresta, extração e purificação de bioativos vegetais.

Instagram: @amazon_biotechnology



*Micropropagação de abacate in vitro
pela Amazon Biotechnology*

ATUAÇÃO E CONTEXTO

Empresa de biotecnologia voltada à clonagem vegetal e ao desenvolvimento de soluções tecnológicas para a agricultura familiar: clonagem de mudas *in vitro*; comércio de mudas; prospecção, extração e purificação de bioativos vegetais (biologia molecular). A Amazon Biotechnology utiliza biotecnologia para multiplicar espécies amazônicas com foco em reflorestamento, agrofloresta e produção agrícola sustentável.

A empresa fornece mudas e oferece suporte à agricultura familiar e projetos de recuperação ambiental e é referência no uso de recursos ambientais para o desenvolvimento sustentável replicável na região. Sua atuação fortalece cadeias produtivas regionais e promove a bioeconomia da floresta. As principais áreas de atuação do empreendimento são:

- ◆ **Micropropagação de plantas:** utiliza técnicas avançadas de cultivo *in vitro* para produzir mudas de alta qualidade, garantindo vigor genético, uniformidade e sanidade.
- ◆ **Apoio à agricultura familiar:** o foco da empresa é levar tecnologia para os pequenos produtores locais, permitindo que tenham acesso a materiais vegetais melhorados e adaptados à realidade amazônica.
- ◆ **Pesquisa e desenvolvimento:** o ramo de atividade da empresa está registrado como “pesquisa e desenvolvimento experimental em ciências físicas e naturais”.

PONTO DE VISTA



“Com foco em produtividade e respeito ao bioma, atuamos diretamente com comunidades locais, oferecendo alternativas viáveis para ampliar a renda e conservar o meio ambiente. Nosso alvo é o produtor rural. Queremos ajudar a inserir a biotecnologia dentro da Amazônia, fortalecendo a produção sem derrubar a floresta”.

Rodrigo Cordeiro, CEO da Amazon Biotechnology



O entrevistado destaca a importância de temas ligados à bioeconomia da floresta em pé, ao uso sustentável de tecnologias e ao fortalecimento das cadeias produtivas locais. Para ele, a bioeconomia representa uma forma de usar os recursos biológicos de maneira responsável, garantindo valor econômico e conservação ambiental. Além disso, ele reconhece grande potencial na produção de mudas nativas, no cultivo sustentável de frutíferas e no fortalecimento de viveiros comunitários e cooperativas.

No território em que a empresa atua, práticas tradicionais como a extração sustentável de óleos de andiroba e copaíba já estão consolidadas e geram renda para ribeirinhos e cooperativas. A agricultura familiar, a produção de mudas e o extrativismo florestal continuam sendo atividades fundamentais, ao lado de iniciativas de baixo impacto ambiental como os sistemas agroflorestais e a clonagem de mudas. Porém, os desafios são grandes, especialmente no acesso ao crédito, na infraestrutura e na capacitação técnica das comunidades.

Entre os casos inspiradores, ele cita o próprio modelo da Amazon Biotechnology, que multiplica espécies amazônicas por meio da biotecnologia para reflorestamento e agricultura sustentável. São reconhecidas políticas públicas como o Regulariza Pará, além de fiscalização ambiental integrada entre órgãos como Secretaria de Estado de Meio Ambiente (SEMA), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e Ministério Público do Estado do Pará, além de ações da iniciativa privada e de organizações não governamentais para monitoramento via satélite e manejo florestal comunitário. Para ele, debates sobre tecnologia, reflorestamento, mercado de carbono e inclusão social não podem faltar, e eventos como o **TXAI AMAZÔNIA** ajudam a conectar iniciativas, divulgar boas práticas e fortalecer a bioeconomia amazônica.



Apresentação da Amazon Biotechnology durante sessão de cases do Seminário TXAI Amazônia (2025)



3.2 AMAZONLY COSMETICS



AMAZONLY COSMETICS: CONEXÃO ENTRE BIODIVERSIDADE DA AMAZÔNIA E PRODUÇÃO DE ÓLEOS VEGETAIS

Cadeia produtiva: biotecnologia e bioindústria (*startup*).

Organização/Instituição: Amazonly Cosmetics.

Representante: José Claudio Balducci, CEO.

Localidade: Macapá, Amapá, Brasil.

Atuação: produção e comercialização de óleos e manteigas vegetais nativos; rastreabilidade e certificações orgânicas; desenvolvimento de produtos cosméticos, farmacêuticos e nutracêuticos.

Instagram: @amazonlybr/



Reprodução de portfólio da Amazonly



ATUAÇÃO E CONTEXTO

A Amazonly Cosmetics é um empreendimento dedicado à produção e comercialização de óleos vegetais naturais extraídos de espécies nativas da floresta. A empresa investe na rastreabilidade e na origem das sementes, bem como em certificações, como a orgânica.

Sua linha de produtos naturais foca em saúde, bem-estar e beleza, desenvolvida a partir de ativos da biodiversidade amazônica, promovendo o uso sustentável dos recursos naturais e fomentando cadeias produtivas responsáveis e inclusivas. Concilia inovação, conservação ambiental e inclusão social; promove cadeias produtivas responsáveis; fortalece comunidades tradicionais e valoriza a biodiversidade amazônica.

Os produtos contam com diversas finalidades, com utilização pela indústria cosmética, farmacêutica, nutracêuticos, terapias e fitoterapia devido às suas propriedades antimicrobianas, anti-inflamatórias, hidratantes, regeneradoras e emolientes, entre outras finalidades. Os produtos da Amazonly são livres de testes em animais e classificados como Produtos Florestais Não Madeireiros (PFNM), valorizando a biodiversidade de forma responsável.

Um dos pilares de atuação da empresa é o trabalho em parceria com comunidades tradicionais – indígenas, quilombolas, ribeirinhas e extrativistas. A empresa estabelece relações baseadas no comércio justo, assegurando pagamento adequado pela matéria-prima, capacitação técnica e repartição de benefícios. Essas parcerias não apenas promovem o fortalecimento econômico dessas comunidades, como incentivam a continuidade das práticas tradicionais de manejo sustentável, fundamentais para a manutenção da floresta.

PONTO DE VISTA



“A trajetória da Amazonly demonstra como é possível aliar inovação, conservação e inclusão social em um único modelo de negócio. Com base em princípios de justiça socioambiental, valorização da biodiversidade e respeito aos saberes tradicionais, a empresa se consolida como referência na bioeconomia amazônica”.

José Cláudio Balducci, CEO da Amazonly Cosmetics

Para o CEO da empresa, são fundamentais debates sobre temas como produção sustentável, rastreabilidade, comércio justo e valorização dos saberes locais. Ele considera que a bioeconomia ainda carece de um conceito claro, mas está diretamente ligada ao uso responsável da natureza, como a extração de óleos e manteigas vegetais apoiada pela ciência. Na região em que a empresa atua, o extrativismo de óleos, o manejo florestal e a transformação de resíduos em novos produtos têm potencial para ampliar a bioeconomia.

As comunidades locais já praticam manejo sustentável, embora enfrentem dificuldades de escoamento e de capacitação técnica. A produção de óleos vegetais e o processamento local geram empregos e renda, com menor impacto ambiental. Os principais desafios passam pela melhoria da qualificação profissional, pela gestão de resíduos, rastreabilidade e uso de tecnologia — especialmente inteligência artificial — para organizar e ampliar essas cadeias produtivas.

O empreendedor vê como exemplos replicáveis a experiência da Natura e das cadeias do açaí e do pescado. Também reconhece o papel do Ibama no combate ao desmatamento e destaca os incentivos da chamada Zona Franca Verde, ainda pouco acessados por falta de capacitação para o desenvolvimento de projetos que possam ser aceitos pela Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

Para ele, debates sobre repartição de benefícios, mudanças climáticas e recursos hídricos são essenciais, e eventos como o **TXAI AMAZÔNIA** ajudam a identificar desafios das comunidades e promover trocas de experiências que fortalecem a bioeconomia regional.



Apresentação da Amazonly Cosmetics durante o Seminário TXAI Amazônia (2025)



3.3 ASSOCIAÇÃO DIANOPOLINA DE ARTESÃOS (ADA) / ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DE DIANÓPOLIS – CASA DOURADA



CASA DOURADA: CULTURA E ARTESANATO COMO RIQUEZA SUSTENTÁVEL

Cadeia produtiva: turismo de base comunitária, biojóias e artesanato sustentável.

Organização/Instituição: Associação Dianopolina de Artesãos (ADA) / Associação de Mulheres de Dianópolis – Casa Dourada.

Representante: Eliene Bispo, presidente da ADA.

Localidade: Dianópolis, Tocantins, Brasil.

Atuação: produção e comercialização de artesanato com capim dourado; Centro de Turismo Cultural; valorização da cultura local e geração de renda para mulheres e famílias.

Instagram: @capimdouradoada



ATUAÇÃO E CONTEXTO

Iniciativa comunitária que fortalece empreendedorismo e turismo cultural; preserva saberes tradicionais e promove autonomia econômica de mulheres. A Casa Dourada, em Dianópolis, no Estado do Tocantins, foi inaugurada em 2021, e funciona como centro de artesanato e turismo. Desde então, se consolidou como ponto de referência para o artesanato de capim dourado.

A produção artesanal, desenvolvida majoritariamente por mulheres, gera impacto direto na renda de dezenas de famílias e contribui para a preservação da identidade cultural da região. As peças confeccionadas na Casa Dourada são comercializadas localmente e exportadas para países como Bélgica, Espanha, Portugal, França e Estados Unidos.

O objetivo da iniciativa, gerida pela Associação Dianopolina de Artesãos (ADA), com apoio da Prefeitura Municipal, via Secretaria de Meio Ambiente, Turismo e Cultura (Sematuc), é promover o desenvolvimento socioeconômico da região, valorizar a cultura local, fortalecer o empreendedorismo e ampliar o turismo cultural.

Entre os impactos positivos do projeto, destacam-se: geração de renda e inclusão produtiva; fomento ao turismo cultural; preservação da cultura e dos saberes tradicionais. No entanto, os artesãos enfrentam desafios como manter o fluxo contínuo de visitantes e compradores, essencial para a autossuficiência do espaço; manutenção de apoio institucional ao projeto pelo poder público e criação de parcerias estratégicas com o setor privado e organizações da sociedade civil; e acesso à matéria-prima, uma vez que a escassez e a sazonalidade do capim dourado podem comprometer a produção e elevar os custos.

PONTO DE VISTA



“A Casa Dourada surgiu por meio de parceria entre a Secretaria de Cultura e a Prefeitura de Dianópolis, diante da necessidade de um ponto turístico e do reconhecimento ao artesanato de capim dourado. Seu propósito é dar visibilidade ao artesanato e promover a integração da sociedade. A importância de participar do TXAI AMAZÔNIA está no reconhecimento de nossa trajetória como Associação, na troca com outros artesãos e na divulgação do nosso artesanato”.

Eliene Bispo Cantuário, da Casa Dourada, presidente da Associação Dianopolina de Artesãos (ADA)



Para organizações como a ADA, temas como sustentabilidade, valorização cultural e inclusão produtiva são essenciais. A bioeconomia é vista pela entrevistada como a transformação de matéria-prima natural em produtos capazes de gerar renda, como o artesanato feito com folhas desidratadas ou com o capim dourado. Na região, há forte potencial na produção artesanal, no turismo cultural e nas tradições indígenas, especialmente dos Carajás.

A renda das comunidades vem do artesanato, da agricultura e do turismo, com destaque para atividades de baixo impacto ambiental, como a coleta sustentável do capim dourado. No entanto, ainda há desafios relacionados à fiscalização da colheita, à manutenção da sustentabilidade econômica e ao acesso contínuo à matéria-prima. Mesmo assim, há exemplos inspiradores, como da Associação de Beneficiamento de Sementes e o artesanato local, que mostram caminhos de replicação.

O município tem apoiado com espaços de venda e incentivo à participação em feiras, o que fortalece a visibilidade do trabalho. O tema da sustentabilidade é visto como indispensável nos debates, enquanto eventos como o **TXAI AMAZÔNIA** ampliam a troca de experiências e fortalecem redes entre produtores. Os reconhecimentos recebidos pela ADA — como o Prêmio Sebrae de Prefeitura Empreendedora, em 2024, na categoria “Inclusão Produtiva”, e o selo Top 100 do Artesanato, em 2022 —, evidenciam o impacto e a relevância dessas iniciativas.



Apresentação do case Casa Dourada e mulheres artesãs de Dianópolis (TO) no TXAI Amazônia (2025)



3.4 AUTORIDAD PLURINACIONAL DE LA MADRE TIERRA (APMT, BOLÍVIA)



APMT: ATUAÇÃO CENTRADA NA VISÃO INDÍGENA DE RESPEITO E CUIDADO COM A “MÃE TERRA”

Cadeia produtiva: produtos florestais não madeireiros (PFNMs) e bioempreendedorismo.

Organização/Instituição: Autoridad Plurinacional de la Madre Tierra (APMT).

Representante: Claudia Tordoya Ruiz, diretora do Mecanismo Conjunto para Adaptação e Mitigação Florestal Integral e Sustentável das Florestas.

Localidade: La Paz, Bolívia.

Atuação: formulação e implementação de políticas públicas para conservação e regeneração da “Mãe Terra”; coordenação de esforços com governo e sociedade civil; bioempreendedorismo e proteção de ecossistemas.

Instagram: @autoridad_de_la_madre_tierra



ATUAÇÃO E CONTEXTO

A Autoridad Plurinacional de la Madre Tierra (APMT), da Bolívia, participou do **TXAI AMAZÔNIA** para compartilhar experiências territoriais de enfrentamento à crise climática e do fortalecimento da economia da floresta. A APMT é uma estrutura estatal boliviana de estratégia ao enfrentamento às mudanças climáticas, que promove a participação de mulheres e a formação de redes de cooperação entre comunidades indígenas e locais, com foco na economia da floresta e na bioeconomia sustentável.

Vinculada ao Ministério do Meio Ambiente e Água da Bolívia, sua principal função é formular e implementar políticas de adaptação e mitigação das mudanças climáticas. Sua criação foi estabelecida pela Lei nº 300, de 15 de outubro de 2012, conhecida como a “Lei-Quadro da Mãe Terra e Desenvolvimento Integral para Viver Bem”.

PONTO DE VISTA



“A Bolívia vem fortalecendo as cadeias produtivas dos recursos florestais não madeireiros, como a castanha, o açaí e o majo, que geram renda para milhares de famílias indígenas e camponesas. Nosso objetivo é agregar valor a esses produtos e melhorar a qualidade de vida nas comunidades”.

Angélica Ponce Chambi, diretora da Autoridad Plurinacional de la Madre Tierra



A instituição governamental boliviana enfatiza o manejo florestal sustentável, o olhar indígena e o financiamento da bioeconomia como temas centrais. Para a entrevistada, a bioeconomia é um modelo de desenvolvimento baseado em recursos renováveis, capaz de gerar bens e serviços de forma sustentável. A região apresenta grande potencial na produção de açaí, cacau, castanha e bioprodutos, além de iniciativas voltadas à conservação e ao empreendedorismo comunitário.

As práticas econômicas que sustentam as comunidades incluem a extração de recursos naturais, agricultura e turismo, combinadas com atividades de menor impacto ambiental, como o manejo de produtos florestais não madeireiros. Os desafios, porém, são complexos e envolvem a criação de alianças regionais, troca de informações sobre biodiversidade, combate ao tráfico de fauna e fortalecimento da vigilância de áreas protegidas. Ela também destaca a importância de políticas que valorizem o conhecimento tradicional e protejam recursos genéticos.

Há casos inspiradores no país, como os programas de manejo sustentável do jacaré e da vicunha, que conciliam conservação e geração de renda. Diversas políticas públicas reforçam esse movimento, incluindo marcos para o uso do fogo, sanções ambientais e bancos de dados sobre recursos genéticos. A instituição defende que debates sobre inovação, agricultura sustentável e economia circular são essenciais. Eventos como o **TXAI AMAZÔNIA** criam espaços de engajamento para promover justiça social, conservação e fortalecimento da bioeconomia regional.



Apresentação da iniciativa boliviana durante o TXAI Amazônia (2025)



3.5 BAMBUZINI ESCOLA DE BIOCONSTRUÇÃO



BAMBUZINI ESCOLA DE BIOCONSTRUÇÃO: SABERES ANCESTRAIS E TÉCNICAS DE USO SUSTENTÁVEL DO BAMBU

Cadeia produtiva: bioconstrução e arquitetura sustentável.

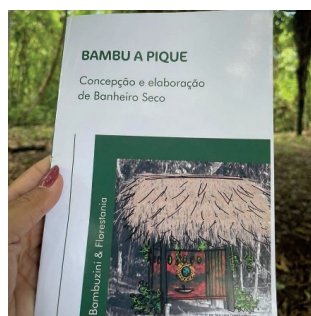
Organização/Instituição: Bambuzini Escola de Bioconstrução.

Representante: Ana Lucia Correa Velásquez, CEO e diretora de Projetos

Localidade: Rio Branco, Acre, Brasil.

Atuação: Ensino e prática de bioconstrução, uso de materiais naturais como bambu, técnicas vernaculares⁴ e *design* bioclimático, formação de profissionais e comunidades e desenvolvimento de projetos de construção sustentável.

Instagram: @bambuziniescola @bambuzinistudio



Técnicas utilizadas pela Bambuzini para capacitação e projetos de construção

⁴ Técnicas vernaculares surgem a partir das necessidades específicas de cada comunidade, aproveitando materiais disponíveis na região e refletindo as tradições culturais e práticas construtivas locais. Elas se diferenciam de métodos construtivos modernos, pois não dependem de arquitetos profissionais ou de processos rígidos de padronização.

ATUAÇÃO E CONTEXTO

Bioconstrução é a concepção de espaços com a utilização de materiais naturais e regionais, técnicas ancestrais e aplicação de soluções que atendam às necessidades humanas buscando minimizar os impactos ambientais. O Centro de Pesquisas Bambuzine, localizada no Acre, é uma Escola de Bioconstrução que combina ensino, prática e inovação para promover soluções sustentáveis de construção e *design*.

A iniciativa se dedica a ensinar métodos construtivos que utilizam materiais naturais e regionais, com foco em técnicas como o uso do bambu e outros recursos locais. Sua proposta é difundir conhecimentos sobre bioconstrução de maneira acessível e prática, formando profissionais, comunidades e interessados em criar ambientes sustentáveis, funcionais e integrados à natureza. A escola busca promover um modelo de construção que respeite o meio ambiente, empodere comunidades e valorize a cultura regional.

TÉCNICAS E PRÁTICAS ENSINADAS

Uso do bambu: uma das principais especialidades da Bambuzine é trabalhar o uso do bambu como material estrutural e estético, demonstrando sua versatilidade e sustentabilidade.

Técnicas vernaculares: o pau-a-pique, a taipa de pilão, o adobe e o superadobe são explorados para demonstrar como o uso de materiais naturais pode criar construções duráveis e de baixo impacto ambiental.

Design bioclimático: os projetos integram soluções que aproveitam o clima da Amazônia, como ventilação cruzada, sombreamento natural e uso eficiente da iluminação.

Sistemas integrados: tratamento de águas residuais, sistemas de captação de água da chuva e compostagem são ensinados como parte de um ciclo sustentável.

IMPACTOS DA BAMBUZINE NA REGIÃO

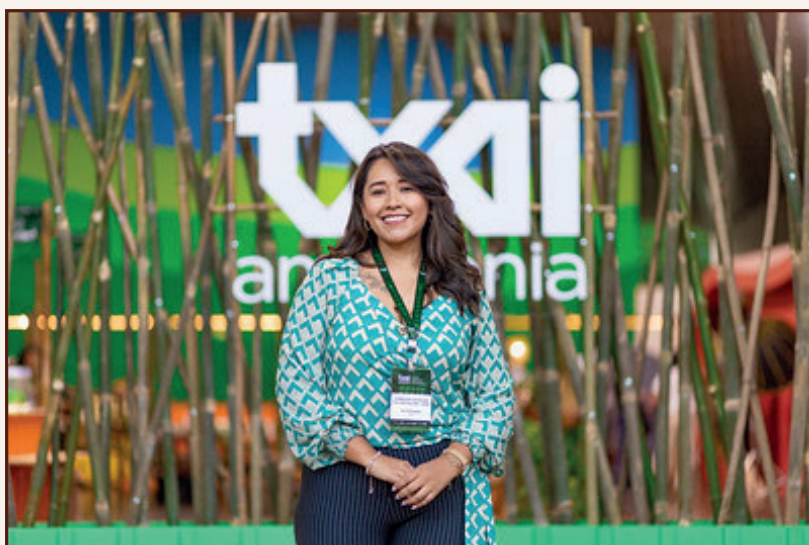
Preservação ambiental: a escola promove o uso consciente de recursos naturais, contribuindo para a conservação da Floresta Amazônica.

Empoderamento comunitário: ao capacitar moradores locais, a Bambuzine fortalece a economia solidária e gera oportunidades de trabalho sustentáveis.

Difusão cultural: a valorização das técnicas e dos saberes regionais reforça a identidade cultural amazônica.



PONTO DE VISTA



“A escola demonstra que a bioconstrução não é apenas uma técnica, mas uma filosofia de vida que prioriza a harmonia entre ser humano e natureza. Ao utilizar o bambu, uma planta abundante, renovável e de rápido crescimento, a Bambuzine prova que é possível aliar sustentabilidade, beleza e funcionalidade em projetos arquitetônicos”.

Ana Lucia Correa Velásquez, CEO da Bambuzini

A escola valoriza a inovação a partir dos saberes tradicionais e o manejo sustentável do bambu. A entrevistada aponta que a bioeconomia é o uso responsável dos recursos biológicos para gerar renda, promover inovação e apoiar a regeneração ecológica. Exemplos como tijolos ecológicos e estruturas de bambu demonstram como tecnologias simples podem reduzir impactos ambientais e criar oportunidades de trabalho.

Na região, o bambu tem grande potencial para a construção e o *design*, enquanto outras atividades como agroecologia, biojoias e artesanato indígena também geram renda. As práticas de menor impacto ambiental incluem extrativismo sustentável de látex e óleos, mas ainda há grandes desafios, como a falta de financiamento, a escassez de assistência técnica e a insuficiência de políticas públicas. Mesmo assim, projetos de construção com bambu, como os desenvolvidos por empreendimentos como Bambuzini, Ebiobambu e Tibá, são citados como caminhos replicáveis.

Ainda que faltem políticas públicas mais estruturadas, iniciativas de educação ambiental e reflorestamento ajudam a fortalecer o setor. A escola defende que temas como inclusão comunitária, biomateriais, tecnologias sociais e financiamento são essenciais nos debates sobre bioeconomia. Eventos como o **TXAI AMAZÔNIA** possibilitam a troca de experiências, dão visibilidade às boas práticas e conectam iniciativas que fortalecem modelos de desenvolvimento baseados na biodiversidade e nos saberes locais.





Espaços do TXAI Amazônia desenvolvido pela Bambuzini a partir de técnicas sustentáveis de uso do bambu



3.6 CARVÃO DE AÇAÍ



CARVÃO DE AÇAÍ: PRODUÇÃO DE CARVÃO A PARTIR DE RESÍDUOS FLORESTAIS

Cadeia produtiva: bioenergia, a partir de produtos florestais não madeireiros (PFNMs).

Organização/Instituição: Carvão de Açaí.

Representante: Alex Pascoal Marques, CEO.

Localidade: Macapá, Amapá, Brasil.

Atuação: produção de carvão ecológico a partir do caroço de açaí, com maior durabilidade, menor emissão de fumaça e redução do desmatamento.

Instagram: @carvaodeacai



Sementes de açaí in natura e, à direita, o carvão de açaí já processado

ATUAÇÃO E CONTEXTO

Empresa industrial sustentável que produz carvão por meio de resíduos descartados da floresta, transformados em oportunidades econômicas e ambientais. A Carvão de Açaí é uma *startup* amapaense que produz carvão para churrasco a partir dos caroços de açaí, um resíduo abundante na região, em um processo ecológico que reduz a emissão de fumaça e o desmatamento.

O processo envolve a carbonização, trituração e prensagem dos caroços, resultando em um carvão com alta durabilidade, maior poder de queima e menor emissão de fumaça em comparação ao carvão vegetal tradicional. A empresa busca transformar a cadeia de produção de carvão, contribuindo para a bioeconomia e promovendo o uso responsável dos recursos da Amazônia.

A empresa possui pontos de vendas no varejo do Amapá e estabeleceu contato para exportar para Guiana Francesa.

PONTO DE VISTA



“O mais importante para o empreendedor da bioeconomia é garantir impacto socioambiental positivo, sustentabilidade financeira, parcerias e redes de negócios. Durante o TXAI Amazônia, foi possível fazer conexões e obter esclarecimentos sobre oportunidades de ampliação do negócio”.

Alex Pascoal Marques, CEO da Carvão de Açaí



O entrevistado destaca a importância de políticas públicas e a inovação como temas essenciais para alavancar a bioeconomia que, para ele, consiste em usar a natureza sem esgotá-la, agregando valor a partir de resíduos que antes eram descartados. O principal potencial da região está justamente na transformação de subprodutos do açaí, como o caroço, em novos bens — entre eles, carvão ecológico e café de açaí.

A economia local gira em torno da cadeia do açaí, que movimenta produção e comércio. As iniciativas de menor impacto ambiental envolvem o reaproveitamento de resíduos florestais sem necessidade de desmatamento ou emissão significativa de poluentes. Entretanto, ainda faltam incentivos governamentais e maior conscientização da população sobre práticas sustentáveis. Mesmo enfrentando esse cenário, há casos inspiradores, e ele cita o café de açaí da empresa Igênio, que já é exportado.

As políticas de combate ao desmatamento avançam, embora as ações específicas para bioeconomia ainda estejam mais limitadas às *startups*. Para o entrevistado, o debate deve trazer temas como incentivo ao empreendedorismo e o fortalecimento das comunidades. Ele reforça que eventos como o **TXAI AMAZÔNIA** são fundamentais, pois conectam iniciativas, ampliam o aprendizado e fortalecem oportunidades de crescimento sustentável.



3.7 COLETIVO DO PIRARUCU – GOSTO DA AMAZÔNIA



COLETIVO DO PIRARUCU: MANEJO SUSTENTÁVEL E PRODUTOS DA SOCIOBIODIVERSIDADE

Cadeia produtiva: pesca artesanal e aquicultura sustentável.

Organização/Instituição: Coletivo do Pirarucu – Gosto da Amazônia (Associação dos Produtores Rurais de Carauari - ASPROC).

Representante: Ana Alice Oliveira de Brito, coordenadora de Comercialização da ASPROC.

Localidade: Carauari, Amazonas, Brasil.

Atuação: comercialização coletiva de pirarucu e produtos da floresta, fortalecimento do manejo sustentável e geração de renda.

Instagram: @gostodaamazonia @asprocmediojurua

Site: <https://asproc.org.br/>



Manejo do pirarucu na Amazônia segue regras e tem orientação de órgãos como Ibama e ICMBio



ATUAÇÃO E CONTEXTO

A marca coletiva Gosto da Amazônia é coordenada pela Associação dos Produtores Rurais de Carauari (ASPROC). Com seis anos de atuação, a instituição reúne diversas organizações da Amazônia envolvidas na cadeia de manejo sustentável do pirarucu. Foi criada para comercializar o peixe amazônico de forma coletiva e responsável, aliando geração de renda e valorização dos saberes tradicionais.

O coletivo se organiza de forma múltipla: diversidade de instituições e perfis, lideranças dos grupos de manejo do pirarucu, representantes de organizações de base, técnicos, pesquisadores e agentes governamentais atuam no fortalecimento do manejo do pirarucu nas bacias dos rios Purus, Negro, Juruá e Solimões.

A associação é formada por agroextrativistas, famílias que vivem dentro de duas reservas, sendo uma federal: a Reserva Extrativista (Resex) do Médio Juruá. A outra é a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) de Uacari, em Carauari (AM), administrada em parceria com a própria Associação. A ASPROC desempenha papel fundamental no apoio às comunidades locais que vivem na reserva, especialmente em relação ao manejo sustentável de recursos naturais, como o pirarucu.

As atividades são desenvolvidas em região distante 700 quilômetros de Manaus, com percurso de rio cuja viagem entre Manaus-Carauari varia de quatro a sete dias de duração, de barco.

PONTO DE VISTA



“É um privilégio fazer parte de uma organização de base e mostrar que temos resultados. Apesar dos desafios comerciais, gerenciais, logísticos e estruturais, conseguimos superar uma realidade bastante difícil e mostrar que temos atuado com resultados concretos. Buscamos parcerias para isso”.

Ana Alice Oliveira de Britto, coordenadora de Comercialização da ASPROC



O coletivo valoriza a bioeconomia comunitária e os exemplos de manejo sustentável. A entrevistada destaca que a bioeconomia é construída pelas comunidades quando geram renda com atividades que valorizam a floresta e os saberes locais, acessando também políticas públicas. Na região, produtos como pirarucu, açaí e óleos vegetais têm grande potencial de fortalecimento econômico.

As práticas de renda incluem pesca manejada, agricultura familiar, produção de farinha e extrativismo de óleos e sementes. O manejo sustentável do pirarucu é um exemplo emblemático: depois de anos de proibição da pesca, o trabalho comunitário recuperou a espécie e transformou sua cadeia produtiva em uma referência regional. As principais dificuldades estão na logística, na manutenção de temperatura adequada para os produtos e no acesso a mercados mais justos.

As políticas públicas contribuem indiretamente, por meio de programas como o de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), além de incentivos ao pirarucu. O coletivo acredita que o debate sobre bioeconomia deve trazer mais exemplos práticos e replicáveis. Eventos como o **TXAI AMAZÔNIA** ampliam a divulgação das práticas comunitárias, fortalecem redes de apoio e ajudam a valorizar economicamente a floresta, aproximando produtores e empreendedores de diversas regiões.





DA TRIBU: MODA SUSTENTÁVEL COM BIOMATERIAIS E BORRACHA NATIVA

Cadeia produtiva: artesanato e moda com materiais sustentáveis e produtos florestais não madeireiros (PFNMs).

Organização/Instituição: Da Tribu.

Representante: Tainah Fagundes, CEO.

Localidade: Ilha de Cotejuba, Pará, Brasil.

Atuação: marca de moda sustentável que cria biomateriais utilizando a borracha como matéria-prima. Também são utilizadas sementes e fibras da floresta.

Instagram: @datribu



Artigos produzidos pela Da Tribu, a partir da borracha e outros materiais sustentáveis

ATUAÇÃO E CONTEXTO

Desde o início das atividades, em 2009, a Da Tribu utiliza o conceito de moda sustentável. Tudo é aproveitado: materiais e técnicas antigas, crochê, papel, papel machê, vinil e fitas magnéticas. Depois de 15 anos experimentando vários materiais, há uma década a empresa começou a fortalecer o uso da borracha nativa, uma reconexão e um reconhecimento da força dos povos da floresta, especialmente indígenas.

A marca de moda sustentável foi criada pela artesã Kátia Fagundes, em Belém do Pará. A empresa surgiu como um negócio familiar, com a proposta de valorizar a borracha da Amazônia e os saberes tradicionais por meio da moda. Atualmente, a Da Tribu conta com coordenação de Tainah Fagundes, filha da fundadora, que ajuda a dar continuidade ao projeto que tem a sustentabilidade como pilar principal.

Como impacto social e cultural, a empresa tem como atributos a valorização da bioeconomia, a partir de um modelo de negócio sustentável que gera renda para a comunidade local; e foco no artesanato, uma vez que a produção das peças é manual e valoriza o saber artesanal e ancestral e a cultura da região, garantindo a exclusividade de cada acessório.

A empresa atua no mercado utilizando insumos da Floresta Amazônica e materiais recicláveis e se destaca por criar acessórios exclusivos e peças feitas à mão, com foco em responsabilidade ambiental. A produção sustentável da empresa se destaca por:

Uso de matéria-prima amazônica: utiliza matérias-primas obtidas de forma sustentável, desenvolvidas em parceria com comunidades locais. Um exemplo é o uso do Tecido Emborrachado da Amazônia (TEA), uma matéria inovadora à base de látex.

Parceria com comunidades extrativistas: parceria com a Comunidade Extrativista de Pedra Branca, na Área de Proteção Ambiental da Ilha de Cotijuba, para a produção de insumos para suas peças, como joias sustentáveis da linha Tom.

Upcycling⁵: a empresa transforma resíduos em peças com *design* e arte, promovendo a circularidade na indústria da moda.

Matérias-primas recicláveis: além dos insumos da floresta, a Da Tribu incorpora materiais recicláveis em geral na produção de seus acessórios.

⁵ *Upcycling* é um processo criativo que transforma materiais descartados ou subutilizados em novos produtos de maior valor, qualidade e funcionalidade. É uma abordagem sustentável que se diferencia da reciclagem tradicional pois, em vez de apenas desmembrar o objeto, ele é reinventado para ter um novo propósito, reduzindo o desperdício e a necessidade de extrair novos recursos naturais.



PONTO DE VISTA



A Da Tribu surgiu de um projeto da minha mãe, Cátia, que não concluiu os estudos; teve filhos muito jovem e enfrentou muitas dificuldades. Quando ela estava com cerca de R\$ 20 mil em dívidas, começou a reaproveitar resíduos para transformar as primeiras peças”.

Tainah Fagundes, CEO da Da Tribu

A empresária destaca a biodiversidade, a bioeconomia e os saberes ancestrais como eixos essenciais para o desenvolvimento sustentável. Para ela, a bioeconomia significa manter a floresta em pé e garantir que as comunidades envolvidas tenham renda a partir dela, seja com cacau, óleos ou borracha. O cacau, em especial, é visto como um recurso com grande potencial para novos usos.

Na região, ainda predominam atividades como mineração e pecuária, mas há crescente interesse pelos bioativos. A Da Tribu trabalha diretamente com comunidades, usando matérias-primas de baixo impacto ambiental, como borracha e óleos naturais. Os desafios passam, principalmente, pelos altos custos logísticos, que aumentam quanto mais remotas são as áreas de produção.

Cases como a Saboaria Rondônia, citado pela entrevistada, mostram que é possível criar negócios sustentáveis a partir da floresta. As políticas públicas, embora existam, são consideradas burocráticas e de difícil acesso. Para ela, o debate sobre bioeconomia precisa ouvir mais as comunidades, garantindo protagonismo às pessoas que vivem nos territórios. Eventos como o **TXAI AMAZÔNIA** são importantes para dar voz às pessoas, permitir trocas e reforçar a presença da Amazônia em agendas nacionais e internacionais — como já faz a marca ao participar de eventos de moda como o *São Paulo Fashion Week – SPFW* e o *Minas Trend*, divulgando a moda sustentável amazônica para um público mais amplo.





Apresentação do case Da Tribu durante o
Seminário TXAI Amazônia (2025)



3.9 DAVAL ALIMENTOS AMAZÔNICOS



DAVAL ALIMENTOS: MOLHOS DE PIMENTA, DOCES E GELEIAS COM INGREDIENTES DA AMAZÔNIA

Cadeia produtiva: gastronomia amazônica sustentável, com recursos florestais não madeireiros (PFNMs).

Organização/Instituição: Daval Alimentos.

Representante: Valdeniza Bezerra, CEO.

Localidade: Boa Vista, Roraima, Brasil.

Atuação: empresa familiar de produção artesanal de molhos de pimenta, doces e geleias com ingredientes da Amazônia.

Instagram: @davalalimentos



As pimentas são um dos produtos artesanais desenvolvidos pela Daval

ATUAÇÃO E CONTEXTO

A Daval Alimentos é uma empresa familiar, que utiliza ingredientes e frutos típicos da Amazônia. Os principais produtos são molhos de pimenta murupi, vinagreira, tucumã e pupunha, além de doces, geleias e temperos que carregam os sabores autênticos da floresta.

O que torna inovadores os produtos da Daval é a combinação de saberes tradicionais com um processo artesanal cuidadoso, aliado ao uso de ingredientes regionais adquiridos de forma sustentável junto a pequenos produtores locais. A empresa contribui diretamente para o desenvolvimento sustentável da Amazônia ao transformar frutos nativos da floresta em produtos artesanais de alto valor agregado.

O uso consciente das matérias-primas nativas é priorizado, com respeito aos ciclos naturais e buscando a conservação da biodiversidade. A empresa fortalece a economia local e regional; estabelece parcerias com pequenos produtores e agricultores familiares; e gera renda para comunidades, principalmente mulheres empreendedoras.

PONTO DE VISTA



“Na Amazônia Legal, ainda é raro encontrar esse tipo de transformação da biodiversidade em produtos gourmet, com identidade regional, valor agregado e compromisso com a bioeconomia”.

Valdeniza Pereira Bezerra, CEO da Daval Alimentos



A empresária valoriza iniciativas lideradas por mulheres, como o artesanato de capim dourado e as quebradeiras de coco. Para ela, a bioeconomia está ligada ao uso inteligente dos recursos da natureza, sem necessidade de desmatamento, e com forte protagonismo feminino. Exemplos locais citados vão desde tecnologias simples, como a máquina de retirar cachos de açaí sem danificar as árvores, até produtos inovadores, como jujubas de cupuaçu e cosméticos naturais.

A renda das comunidades vem, principalmente, do setor de serviços públicos e, cada vez mais, do empreendedorismo. Muitas iniciativas são conduzidas por mulheres e famílias que transformam produtos locais em alimentos, cosméticos e artesanato. As práticas de menor impacto ambiental incluem o maquinário do açaí que preserva as árvores, mostrando como soluções regionais contribuem para a conservação ambiental.

O Sebrae e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Roraima (FAPERR) têm papel importante no apoio técnico e no incentivo ao empreendedorismo, na visão da entrevistada. Segundo ela, é fundamental ampliar a participação das mulheres nos debates e valorizar suas vivências. Eventos como o **TXAI AMAZÔNIA** permitem trocas profundas entre empreendedores e trazem um aprendizado que fortalece toda a cadeia produtiva. O reconhecimento recente, com o segundo lugar na categoria Microempreendedora Individual (MEI) do Prêmio Sebrae Mulher de Negócios, na edição de 2024, reforça o impacto do trabalho desenvolvido.



Apresentação da Daval Alimentos como case de bioeconomia no TXAI Amazônia (2025)



3.10 ESSÊNCIAS DA CHAPADA – FÁBRICA DE ÓLEOS ESSENCIAIS



ESSÊNCIAS DA CHAPADA: PRODUÇÃO COM BASE NA BIODIVERSIDADE E NO CUIDADO AMBIENTAL

Cadeia produtiva: biotecnologia e bioindústria (*startup*).

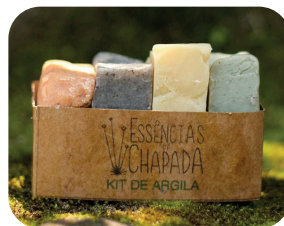
Organização/Instituição: Essências da Chapada.

Representante: Jestica Gomes, CEO.

Localidade: Chapada Diamantina, Bahia, Brasil.

Atuação: empresa familiar de produção de óleos essenciais e cosméticos, localizada na Chapada Diamantina, no Estado da Bahia. Empreendimento une sociobiodiversidade e economia, com base na biodiversidade e no cuidado ambiental.

Instagram: @essenciasdachapada



*Entre os produtos da Essência da Chapada
estão óleos e sabonetes*



ATUAÇÃO E CONTEXTO

A marca teve início em 2018, com a comercialização de produtos como sabonetes, xampus, óleos essenciais, águas aromáticas, pomadas, desodorantes e outros fitocosméticos. Todos os produtos da Essências da Chapada são desenvolvidos a partir de plantas nativas ou cultivadas na própria Chapada Diamantina.

A proposta é oferecer produtos 100% naturais, voltados tanto para uso familiar quanto para a comunidade e visitantes. Pelo empreendimento, já foram produzidos óleos essenciais de 30 espécies de plantas brasileiras, incluindo oito espécies nativas da região.

PONTO DE VISTA



“O encanto pelas belezas naturais e a história da região, aliado à indignação com o crescimento constante da produção de resíduos sólidos, contribuíram para a construção do projeto. O passo seguinte veio da curiosidade pelas plantas, os raizeiros e todo esse conhecimento popular. Hoje temos um pequeno laboratório e a gente tenta sempre incluir a comunidade local dentro do nosso projeto”.

Paulo Oliveira e Jestica Gomes, da Essências da Chapada

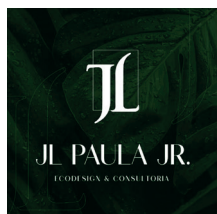
A CEO da empresa valoriza as histórias de empreendedores e as experiências locais como grandes inspirações para seu negócio. Para ela, a bioeconomia se baseia em produzir usando os recursos naturais disponíveis no território, reduzindo a dependência de insumos externos. A região tem potencial para café, frutas vermelhas, geleias, compotas e óleos essenciais, além do histórico de transição do garimpo para a agricultura familiar.

O turismo e a agricultura são as principais fontes de renda, sendo o turismo visto como a atividade de menor impacto ambiental, preservando a paisagem e valorizando a cultura local. Entre os desafios, a competição com o agronegócio e o acesso a mercados são os mais relevantes. Mesmo assim, iniciativas como a produção de óleos essenciais mostram-se replicáveis e capazes de fortalecer economias locais.

Há brigadas de incêndio atuando na região, mas a bioeconomia ainda recebe poucos incentivos, o que leva os empreendedores a buscarem apoio de organizações como o Sebrae. Eles acreditam que oficinas práticas são essenciais nos debates, para mostrar como os produtos são feitos. Eventos como o **TXAI AMAZÔNIA** ajudam a gerar reflexão, dar visibilidade aos pequenos produtores e incentivar a troca de experiências entre diferentes iniciativas.



3.11 JL PAULA JR DESIGN PRODUTOS E BRANDING



JL PAULA JR DESIGN: MARCAS COM VALOR SUSTENTÁVEL E IMPACTO POSITIVO

Cadeia produtiva: bioeconomia criativa (*design*).

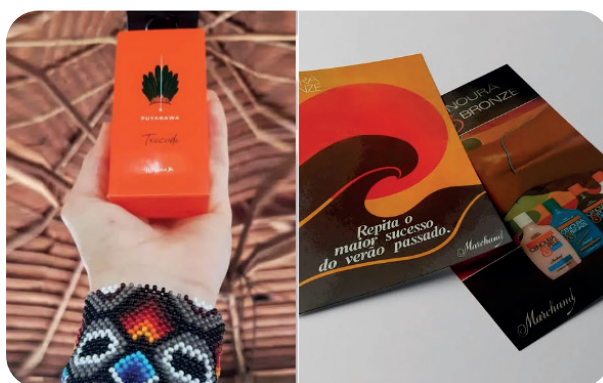
Organização/Instituição: JL Paula JR Design Produtos e Branding.

Representante: José Luiz de Paula Jr., CEO.

Localidade: São Paulo, São Paulo, Brasil.

Atuação: empresa que se dedica a conectar a inovação em bioeconomia com o desenvolvimento de produtos e a construção de marcas (*branding*). Transforma o *design* de perfumes e cosméticos em ferramenta para fortalecer a bioeconomia amazônica.

Instagram: @jlpauladesign



Criatividade e design voltadas às marcas de produtos amazônicos



ATUAÇÃO E CONTEXTO

A empresa trabalha com foco social e ambiental, utilizando o *design* como ferramenta para agregar valor e criar soluções sustentáveis. A JL Paula Jr. Design trabalha na construção de marcas que não apenas vendem, mas comunicam um impacto positivo.

Por meio de palestras e consultorias, a empresa mostra como a marca e o *design* podem ser mecanismos de desenvolvimento bioeconômico. Um exemplo foi o desenvolvimento de um protetor solar que se tornou líder de mercado por 20 anos, demonstrando o poder da ideia e do *design* para impulsionar a bioeconomia.

PONTO DE VISTA



“Nossa proposta é agregar valor aos produtos da biodiversidade, mostrando como design e tecnologia podem caminhar juntos com os saberes locais. Quando se fala em bioeconomia, esquecem que ela é um processo de geração de inovação. E o design é a inovação mais barata, é o início do processo”.

José Luiz de Paula Júnior, CEO da JL Paula Jr. Design Produtos e Branding

O empresário se interessa especialmente pelos debates envolvendo temas relacionados às comunidades indígenas. Para ele, a bioeconomia é uma forma de desenvolvimento que une economia e respeito à floresta, podendo estar presente na moda, na beleza, na gastronomia, na construção civil e em vários outros setores. Em São Paulo, ele enxerga desafios e oportunidades, já que a biodiversidade local da Mata Atlântica é pouco conhecida pelos próprios moradores.

Trabalhos como a exportação de urucu com os Yawanawá mostram como o *design* pode integrar comunidades tradicionais e mercado. Na região da Mata Atlântica, há produção de mel, farinha e frutas exóticas, com práticas de menor impacto ambiental envolvendo seringais e extração botânica manejada. Um dos principais desafios é a desinformação, como produtores que desconhecem o potencial econômico de seus próprios recursos naturais, como o látex.

Como casos replicáveis, ele cita o uso de plantas e sementes para a produção de óleos essenciais. Para o entrevistado, o debate sobre bioeconomia precisa incluir o *design* como ferramenta estratégica. Eventos como o **TXAI AMAZÔNIA** são vistos como fundamentais para capacitar e formar pessoas, ajudando a disseminar ideias e fortalecer iniciativas voltadas à sociobiodiversidade.



Apresentação da JL Paula Jr. Design durante o Seminário TXAI Amazônia (2025)



3.12 MANUTATA (PERU)



MANUTATA: PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE CASTANHA-DA-AMAZÔNIA

Cadeia produtiva: extrativismo sustentável de produtos florestais não madeireiros (PFNMs).

Organização/Instituição: Manutata.

Representante: Nelsith Sangama, CEO (etnia Etnia Quichua).

Localidade: Puerto Maldonado, Peru.

Atuação: processamento e comercialização de castanha-da-Amazônia e superalimentos; desenvolvimento de cadeias produtivas sustentáveis envolvendo comunidades extrativistas.

Instagram: @manutata_sac



ATUAÇÃO E CONTEXTO

A Manutata processa e comercializa a castanha-da-Amazônia e outros superalimentos, preservando suas propriedades nutricionais para promover a saúde em harmonia com a floresta. Localizada no polo da *Indústria de la Nuez Amazonica* (Nuez de Brasil), possui *know-how* de mais de 35 anos na Bolívia e no Peru.

A indústria amazônica conecta comunidades extrativistas a mercados nacionais e internacionais; aposta em tecnologia e valorização da floresta em pé como modelo de negócio sustentável e replicável em outros territórios amazônicos.

Em seu compromisso com a Amazônia, a empresa não foca apenas na produção de castanha. Ajuda a gerar novas fontes de rendimento para seus parceiros produtores, reforçando e potencializando sua competitividade, envolvendo também organismos públicos/estatais e organizações não governamentais.

A empresa promove a associatividade, por meio da “Articulação Estratégica Transversal”, para gerar novas oportunidades de negócios complementares à cadeia produtiva.

Em atuação com organismos públicos/estatais e organizações não governamentais, desenvolve estratégias para atingir objetivos, tais como: implementação de projetos de certificação orgânica, ferramentas de medição, monitoramento da produção na floresta e no ecossistema, sistemas de georreferenciamento e rastreabilidade em *blockchain*, o que permite otimizar e valorizar a produção da Nogueira Amazônica (Nogueira do Brasil).

PONTO DE VISTA



“A Manutata tem como compromisso apoiar o fortalecimento de cadeias produtivas estratégicas na região, como as da castanha-da-Amazônia ou castanha-do-Brasil, como princípio fundamental e estratégico para contribuir para o desenvolvimento sustentável do meio ambiente e a proteção da floresta. Idealizamos a transformação de um modelo de negócio centenário, símbolo da Amazônia trinacional (Peru-Bolívia-Brasil), em nova estratégia: ecologicamente correta, escalável e globalmente revolucionária”.

Nelsith Sangama, CEO da Manutata



A filosofia de atuação da Manutata valoriza a proteção do conhecimento tradicional e a replicabilidade de boas práticas em diferentes territórios amazônicos. Segundo o entrevistado, a bioeconomia é uma economia indígena, própria e holística, voltada ao bem viver e à autonomia das comunidades. A região apresenta potencial em agroflorestania, piscicultura, agricultura familiar e turismo comunitário, com foco na sustentabilidade e no uso consciente dos recursos.

As principais práticas econômicas incluem, além da agroflorestania, a piscicultura, o turismo e o artesanato, todas de baixo impacto ambiental, pois respeitam ciclos naturais de descanso e regeneração da natureza. Porém, a falta de apoio contínuo limita o crescimento das iniciativas comunitárias. Apesar disso, há exemplos importantes, como projetos de artesanato e exportação de castanha e cacau em Madre de Dios, que mostram caminhos possíveis de expansão.

As políticas públicas precisam ampliar espaços de participação indígena e de incentivo à bioeconomia. Para o empresário, o debate deve incluir *workshops* e trocas entre diferentes iniciativas. Eventos como o **TXAI AMAZÔNIA** fortalecem essa rede de aprendizado e colaboração. A Manutata também se destaca por inovações como rastreabilidade *blockchain*⁶, certificações e economia circular, além de sua presença internacional e reconhecimentos em sustentabilidade.



Apresentação do case da Manutata no Seminário TXAI Amazônia (2025)

⁶ Um modelo de sistema de bioeconomia com *blockchain* é a aplicação da tecnologia de registro distribuído para otimizar e garantir a transparência, a rastreabilidade e a sustentabilidade das cadeias produtivas que utilizam recursos biológicos.



3.13 NATURA EKOS



NATURA EKOS: MODELO SUSTENTÁVEL DE PRODUÇÃO DE COSMÉTICOS

Cadeia produtiva: biotecnologia e bioindústria (cosméticos).

Organização/Instituição: Natura Ekos.

Representantes: Mauro Corrêa da Costa, gerente Sênior de Suprimentos; e Diego Viégas, coordenador de Suprimentos e Relacionamento com Comunidades.

Localidade: Amazônia, Brasil.

Atuação: produção de cosméticos, desenvolvimento de cadeias sustentáveis integrando comunidades extrativistas, preservação ambiental e valorização do conhecimento tradicional.

Instagram: @naturabrofficial



ATUAÇÃO E CONTEXTO

A Natura Ekos é um programa que redefine a relação entre indústria, sociedade e meio ambiente. Lançado pela Natura, uma das principais empresas de cosméticos da América Latina, a linha Ekos transcende a ideia de produtos de beleza ao incorporar a riqueza da biodiversidade brasileira e o saber tradicional das comunidades amazônicas em uma visão empresarial inovadora e sustentável.

Há mais de duas décadas, o programa conecta comunidades tradicionais à geração de renda por meio do uso responsável da sociobiodiversidade amazônica. A empresa atua junto a povos extrativistas em áreas de alta relevância ecológica e cultural.

O programa Natura Ekos foi concebido para valorizar a floresta e as comunidades que nela habitam, promovendo uma economia regenerativa. A iniciativa utiliza ingredientes amazônicos, como murumuru, castanha e andiroba, extraídos de maneira sustentável, preservando os ecossistemas e gerando renda para as comunidades locais. O programa é baseado no conceito de bioeconomia, onde o uso responsável dos recursos naturais promove o desenvolvimento econômico sem comprometer a biodiversidade.

A estruturação dessa cadeia sustentável inclui pesquisa aplicada, governança compartilhada e acordos que promovem o comércio justo. Comunidades extrativistas recebem apoio técnico, são envolvidas no planejamento e fortalecem sua autonomia econômica sem recorrer ao desmatamento.

Impactos na Amazônia

Preservação ambiental: ao estabelecer cadeias de produção sustentáveis, a Natura Ekos incentiva a conservação de milhões de hectares de floresta em pé; o combate ao desmatamento; e a promoção de práticas agroflorestais regenerativas.

Geração de renda: por meio de parcerias com cooperativas locais, o programa assegura renda justa para milhares de famílias, fomentando a inclusão social e o empoderamento das comunidades tradicionais.

Transferência de conhecimento: o respeito e a valorização do conhecimento tradicional criam um modelo de negócios que une ciência e saber popular, preservando culturas locais.

A Natura Ekos não é apenas uma linha de produtos, mas uma visão transformadora de como a floresta e seus povos podem ser protagonistas em uma nova economia. O que diferencia a estratégia da Natura é ter uma área especializada no tema, com um corpo técnico qualificado para a Região Amazônica e na relação com povos tradicionais, capaz de consolidar processos de relacionamento com comunidades e gestão de cadeias de valor da biodiversidade que não são convencionais no mercado (exemplos: murumuru, patauá, andiroba, ucuúba etc.), gerando impacto positivo, equilibrando lucro, desenvolvimento social e conservação ambiental.



PONTO DE VISTA



“Estamos há 25 anos nessa jornada de muitos aprendizados e sempre com humildade e respeito à diversidade ambiental e cultural. Lidar com itens de safra em territórios diversos da Pan-Amazônia – como Brasil, Colômbia, Peru e Equador – exige planejamento logístico apurado e sensibilidade às realidades locais. O desafio é garantir o abastecimento contínuo, sem renunciar aos ciclos naturais dos produtos e das decisões comunitárias”.

Mauro Corrêa da Costa, gerente sênior de Suprimentos da Sociobiodiversidade da Natura Ekos

Os executivos da Natura Ekos destacam a importância da integração entre conhecimento tradicional e desenvolvimento sustentável e consideram a bioeconomia como o uso responsável da sociobiodiversidade, gerando renda sem desmatamento. As cadeias produtivas de murumuru, andiroba, ucuúba e outras espécies mostram o potencial da floresta em pé, com comércio justo e parceria com cooperativas, na visão de um dos entrevistados.

A extração sustentável preserva milhões de hectares, mas ainda há desafios no escalonamento dos sistemas agroflorestais e na garantia de abastecimento contínuo alinhado aos ciclos naturais. O modelo Ekos é considerado referência, impactando milhares de famílias, envolvendo dezenas de cadeias produtivas e preservando áreas significativas da floresta. O trabalho envolve forte componente social e ambiental, com certificações e práticas de mercado ético.

O Modelo Ekos da Natura envolve 51 comunidades do Brasil e da América Latina, sendo 44 na Amazônia; 106 cadeias de abastecimento e 29 espécies diferentes, impactando 11 mil famílias (87% da Região Amazônica), em 220 municípios, e preservando 2,2 milhões de hectares de floresta em pé.



A empresa trabalha com organizações não governamentais, instituições públicas e programas internacionais de sustentabilidade. Segundo o gerente da empresa, eventos como o **TXAI AMAZÔNIA** são fundamentais para integrar ciência, saber popular e desenvolvimento sustentável. A Natura Ekos é reconhecida globalmente como um caso de impacto positivo, reforçado por certificações como B-Corp e UEBT.



Apresentação do case Natura Ekos durante o TXAI Amazônia (2025)

3.14 PROJETO MAM GÁP



ASSOCIAÇÃO DO POVO INDÍGENA ZORÓ (APIZ): FORTALECIMENTO DA CADEIA DA CASTANHA-DA-AMAZÔNIA

Cadeia produtiva: extrativismo sustentável de produtos florestais não madeireiros (PFNMs).

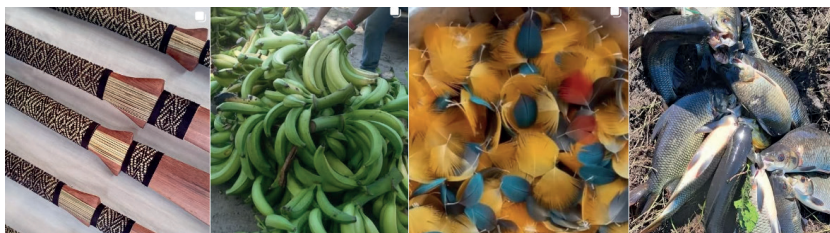
Organização/Instituição: Projeto MAM GÁP – REM-MT / Associação Indígena do Povo Zoró (APIZ).

Representante: Alexandre Zoró, presidente da Associação Indígena do Povo Zoró (APIZ).

Localidade: Rondolândia, Mato Grosso, Brasil.

Atuação: fortalecimento institucional de associações indígenas; extrativismo, beneficiamento e comercialização de castanha-da-Amazônia; geração de renda e conservação da floresta.

Instagram: @projetomangap



Produção coletiva e colaborativa das mulheres indígenas das etnias Zoró, Munduruku, Apiaka e Kayabi



ATUAÇÃO E CONTEXTO

Apoiado pelo Programa Global de Remuneração por Redução de Emissões por Desmatamento para Pioneiros (REM) no Estado do Mato Grosso, o Projeto MAM-GÁP fortalece a cadeia da castanha-da-Amazônia, garante renda justa para povos indígenas e promove a conservação da floresta no Mato Grosso. Além do foco na conservação florestal, promove a valorização cultural e a autonomia indígena.

O projeto é desenvolvido por associações indígenas locais, atua na valorização da cadeia da castanha-da-Amazônia e na diversificação de produtos (artesanato, biojoias, óleo de babaçu e pescado, entre outros).

O objetivo do projeto é o fortalecimento institucional da APIZ, na aldeia indígena Atiak, e parceiras, por meio do extrativismo, beneficiamento e transformação da castanha da Amazônia nas terras indígenas Apiaká-Caiaby e Zoró. É desenvolvida a comercialização local, regional, nacional e internacional, agregando valor à cadeia de valor da castanha, gerando trabalho e renda para mulheres, homens e jovens extrativistas das etnias Zoró, Apiaká, Caiaby e Munduruku, valorizando a cultura tradicional destas etnias e promovendo a conservação da Floresta Amazônica.

PONTO DE VISTA



“Atuamos dentro da bioeconomia com a parte do extrativismo, principalmente pela produção de Castanha-do-Amazônia”.

Alexandre Zoró, presidente da Associação Indígena do povo Zoró APIS



O projeto valoriza a troca de experiências entre diferentes cadeias produtivas como caminho para replicar boas práticas. Para o entrevistado, a bioeconomia está muito ligada ao extrativismo da castanha e ao fortalecimento de cadeias sustentáveis. A região apresenta grande potencial para produtos como açaí, copaíba, borracha e outros itens florestais, embora muitos ainda não tenham canais estruturados de comercialização.

A comunidade Zoró é um exemplo de manejo sustentável da castanha, atividade que gera grande parte da renda local. O extrativismo da castanha, feito com preservação das árvores, é a prática de menor impacto ambiental. Os desafios incluem manter as castanheiras protegidas contra invasões e ampliar mercados para os produtos florestais. Casos replicáveis incluem castanha, biojoias e artesanato, além de potencial para a diversificação de itens como babaçu.

O projeto recebe apoio de órgãos como a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), autoridades locais e programas federais, mas ainda há necessidade de ampliar políticas públicas. Para o entrevistado, é essencial ouvir diferentes territórios e ampliar o conhecimento sobre bioeconomia. Eventos como o **TXAI AMAZÔNIA** fortalecem redes de apoio, ampliam oportunidades e conectam iniciativas em busca de desenvolvimento sustentável.



Apresentação do projeto MAM GÁP durante o TXAI Amazônia (2025)



3.15 PRONATUS AMAZONAS



PRONATUS: COSMÉTICOS QUE VALORIZAM A BIODIVERSIDADE DA FLORESTA

Cadeia produtiva: biotecnologia e bioindústria (*startup*).

Organização/Instituição: Pronatus do Amazonas.

Representante: Evandro de Araújo Silva, diretor.

Localidade: Manaus, Amazonas, Brasil.

Atuação: produção sustentável de cosméticos funcionais com ingredientes bioativos da Amazônia; pesquisa, desenvolvimento, industrialização e comercialização desde 1986.

Instagram: @pronatusdoamazonas



ATUAÇÃO E CONTEXTO

Empresa do ramo de beleza, cosméticos e cuidados pessoais. Produção sustentável valorizando os recursos naturais da região. Pioneira na transformação dos recursos da biodiversidade da floresta, desde 1986 a empresa é fundamentada em cosméticos populares, com diferencial para o uso de ingredientes amazônicos.

As propriedades medicinais da flora amazônica são utilizadas neste tipo de cosmético, considerado cosmético funcional e conhecido como “cosmecêutico”⁷. São produzidos xampus, sabonetes, óleos de massagem e outros produtos.

O projeto da Pronatus parte de atividades de pesquisa, desenvolvimento, industrialização e comercialização de cosméticos, a partir da utilização consciente e sustentável da biodiversidade da Amazônia. A empresa se diferencia por suas fórmulas sustentáveis, que utilizam ingredientes naturais e biodegradáveis, embalagens ecologicamente corretas e práticas de produção responsáveis.

A Pronatus valoriza e respeita as comunidades locais, promovendo práticas de produção responsáveis que beneficiam as populações locais. Além disso, impulsiona o desenvolvimento econômico da região ao criar produtos de alta qualidade que atendem à crescente demanda por cosméticos naturais e sustentáveis. A empresa também se dedica a garantir a qualidade, segurança e eficácia dos produtos, o que inclui a coleta e identificação de plantas de forma rigorosa.

PONTO DE VISTA



“A empresa foi construída em função da minha experiência técnica. Meu sonho, desde a faculdade, era montar um empreendimento que tivesse uma visão amazônica, utilizando a biodiversidade. Trabalhamos com o que chamamos de cosmético funcional. É ciência aplicada à biodiversidade, com propósitos social e ambiental claros”.

Evandro de Araújo Silva, da Pronatus Amazonas

⁷ Cosmecêuticos são produtos de cuidados com a pele que combinam características de cosméticos e medicamentos, contendo ingredientes ativos capazes de exercer efeitos terapêuticos e estéticos profundos sobre a pele.

A empresa valoriza os recursos naturais e o potencial da biodiversidade amazônica na criação de produtos inovadores. Para o entrevistado, a bioeconomia consiste em transformar esses recursos de forma sustentável, valorizando as comunidades envolvidas. A região tem grande potencial para cosméticos funcionais e produtos que usem a biodiversidade local, apesar da concorrência com grandes marcas.

As práticas econômicas vêm da agricultura familiar e do extrativismo sustentável, que geram renda sem degradar o ambiente. O desafio é o reconhecimento e valorização dos pequenos empreendedores que, muitas vezes, têm menos acesso a vitrines, tecnologias e recursos financeiros. Exemplos inspiradores incluem a produção de guaraná pela comunidade dos Sateré-Mawé e o beneficiamento de produtos naturais.

As políticas públicas incluem benefícios fiscais da Zona Franca de Manaus, que ajudam algumas iniciativas. O empresário acredita que é importante discutir cadeias produtivas e valorização da biodiversidade. Eventos como o **TXAI AMAZÔNIA**, segundo ele, ajudam a sensibilizar o público, divulgar boas práticas e estimular novos empreendedores, fortalecendo a economia local baseada na floresta.



Case da Pronatus sendo apresentado pelo diretor durante o TXAI Amazônia (2025)



3.16 QUEBRADEIRAS DE COCO – CASA REDE CERRADO



QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: RESISTÊNCIA FEMININA E SOCIOBIODIVERSIDADE

Cadeia produtiva: extrativismo sustentável de produtos florestais não madeireiros (PFNMs).

Organização/Instituição: Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIOCB) e Cooperativa Interestadual das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu (CIMQCB).

Representantes: Ana Flávia e Roselícia Rodrigues, coordenadora de base e diretora da CIMQCB.

Localidade: Ponta de Pedra Guaraguaia, São João do Araguaia, Pará, Brasil.

Atuação: extrativismo tradicional e beneficiamento do coco babaçu; defesa territorial e sociobiodiversidade na Mata dos Cocais.

Instagram: @miqcb



ATUAÇÃO E CONTEXTO

O Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), fundado em 1990, reúne mulheres rurais dos estados do Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins — majoritariamente quilombolas, indígenas e camponesas. A organização não-governamental articula o extrativismo tradicional do coco babaçu, prática ancestral que garante renda, segurança alimentar e identidade cultural nas comunidades da Mata dos Cocais, uma região de transição entre a Caatinga, o Cerrado e a Amazônia.

As quebradeiras atuam com o extrativismo tradicional do coco babaçu, com o qual produzem óleo, sabão, farinha e carvão. Essa prática ancestral atravessa gerações e é base da segurança alimentar e da economia local. As atividades vão desde a coleta até o beneficiamento artesanal, em sistema sustentável e coletivo de manejo da floresta. O movimento também lidera uma luta histórica pelo acesso livre aos babaçuais e pela Lei do Babaçu Livre, que garante o direito das comunidades de utilizar as palmeiras mesmo em áreas privadas.

Organizações

O MIQCB – Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu foi criado em 1990 e articula mais de 400 mil mulheres nos quatro estados. Atua pela autonomia das quebradeiras, defendendo o acesso livre aos babaçuais, o direito à terra e o reconhecimento dos saberes tradicionais.

A Cooperativa Interestadual das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu (CIMQCB) foi criada a partir do amadurecimento do MIQCB para atuar diretamente na produção, beneficiamento e comercialização dos produtos do babaçu. Funciona como um negócio social, gerenciado pelas próprias quebradeiras, que busca evitar a intermediação de atravessadores. A cooperativa trabalha para agregar valor aos produtos, investindo na qualidade, buscando certificações (como a orgânica) e ampliando o mercado, inclusive para exportação.

Já a Rede Mulheres do Maranhão, ainda que não exclusivamente voltada às quebradeiras, é exemplo de articulação de mulheres rurais em defesa de seus territórios e modos de vida.

PONTO DE VISTA



“Somos quebradeiras de coco, extrativistas. Vivemos de coletar coco na floresta de babaçu, com a palmeira-de-babaçu, que chamamos de mãe palmeira. Nós vivemos disso, da bioeconomia e da sociobiodiversidade”.

Ana Flávia, representante do Movimento (MIQCB)



Para o Movimento das Quebradeiras de Coco, a bioeconomia é vivida diariamente por quem extrai da floresta, de maneira sustentável. A integrante do movimento destaca que o debate em torno de temas como a biodiversidade, as comunidades tradicionais e o protagonismo feminino são essenciais para alavancar a bioeconomia. Além do babaçu, há potencial na pesca artesanal e nos quintais produtivos, com hortaliças e frutas nativas, que fortalecem a segurança alimentar e a renda das famílias.

A economia local é baseada no extrativismo, na agricultura familiar, na criação de animais de pequeno porte e na pesca, todas atividades de baixo impacto ambiental. Os desafios, porém, são enormes: babaçuais contaminados por agrotóxicos, pulverização aérea, falta de políticas públicas, cercamento das áreas por grileiros e violência contra lideranças. Ainda assim, iniciativas comunitárias com castanha, produção de farinha e horticultura mostram caminhos replicáveis.

As políticas existentes, segundo a entrevistada, são insuficientes, apesar de alguns apoios pontuais da Secretaria Estadual e da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), voltadas à agricultura familiar. As quebradeiras defendem que os debates priorizem a proteção da floresta, o combate a agrotóxicos e a garantia de acesso aos babaçuais. Para a entrevistada, eventos como o **TXAI AMAZÔNIA** promovem trocas de experiências, fortalecem redes e conectam as comunidades a pesquisadores e formuladores de políticas. O movimento é símbolo de resistência, autonomia e valorização do saber tradicional.



Quebradeira de coco (Foto: Carolina Motoki, ALEPA)



3.17 RECA – REFLORESTAMENTO ECONÔMICO CONSORCIADO E ADENSADO



A nossa essência é a vida!

PROJETO RECA: PRESERVAÇÃO DA FLORESTA COM GERAÇÃO DE RENDA

Cadeia produtiva: agroflorestal e produtos florestais não madeireiros (PFNMs).

Organização/Instituição: RECA – Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado.

Representante: Gabriel Figueiredo, responsável técnico.

Localidade: Nova Califórnia, Porto Velho, Rondônia, Brasil.

Atuação: cooperativa de agricultura familiar na Amazônia que se tornou modelo de produção sustentável, conciliando preservação da floresta com geração de renda.

Instagram: @reca.coop



ATUAÇÃO E CONTEXTO

Fundado em 1989, na região do Vale do Rio Jamari, entre os estados de Rondônia e Acre, o Projeto RECA – Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado reúne pequenos agricultores em torno de práticas que conciliam recuperação ambiental com geração de renda. O modelo cooperativo nasceu da união de famílias migrantes que encontraram na floresta uma forma de prosperar de maneira sustentável.

A experiência coletiva, construída a partir do conhecimento dos próprios agricultores, fortalece políticas públicas voltadas à agricultura familiar e à bioeconomia, garantindo o sustento das comunidades. Atualmente, reúne mais de 300 famílias de agricultores, com produtos certificados. São 35 propriedades que recebem o selo de certificação orgânica (BR/EU/US), concedido pelo Instituto Biodinâmico (IBD). Atualmente os produtos certificados são: polpa de cupuaçu, polpa de açaí, palmito de pupunha em conserva, óleo de andiroba, óleo de castanha-do-Brasil, manteiga de cupuaçu.

O projeto contribui para o sustento das famílias e a manutenção da floresta em pé. Um exemplo de como iniciativas agroflorestais podem transformar a realidade socioeconômica de comunidades na Amazônia.

PONTO DE VISTA



“No TXAI, apresentamos nossos modelos de trabalho e mostramos que é possível construir uma economia sólida respeitando o território. São experiências que podem inspirar outras comunidades”.

Gabriel Figueiredo, responsável técnico do Projeto RECA



O Projeto RECA atua considerando a bioeconomia como o uso sustentável da biodiversidade, gerando renda e preservando as florestas. O entrevistado destacou o painel sobre povos tradicionais e o *case* da Amazon Biotechnology como temas de destaque do Seminário TXAI. A região tem potencial no manejo de áreas degradadas, produção de cacau consorciado com banana e na expansão da agricultura familiar e do café.

As práticas econômicas incluem madeira (em declínio), pecuária, agricultura familiar e o cultivo do café, considerado de menor impacto ambiental. Os desafios envolvem convencer produtores a adotar práticas sustentáveis e ampliar assistência técnica. O trabalho dos Caxarari com castanha, caça, pesca e agricultura de subsistência mostra caminhos replicáveis de uso da floresta sem degradação.

As políticas públicas têm melhorado, com maior apoio a iniciativas sustentáveis e parcerias com a Empresa Brasileira de Agricultura e Agropecuária (Embrapa), Sebrae, universidades e governo estadual. O Instituto de Estudos Amazônicos (IEA) já esteve envolvido no Projeto Carbono RECA, uma iniciativa que busca quantificar e valorizar os benefícios ambientais dos sistemas agroflorestais. Para o representante do RECA, é fundamental discutir políticas para a sociobiodiversidade e envolver mais comunidades. Eventos como o **TXAI AMAZÔNIA** fortalecem a troca de experiências, ajudam a aperfeiçoar práticas e ampliam o diálogo com formuladores de políticas.



Apresentação do Projeto RECA durante o TXAI Amazônia (2025)



3.18 SABOARIA RONDÔNIA DE OURO PRETO DO OESTE



SABOARIA RONDÔNIA DE OURO PRETO DO OESTE: COSMÉTICOS SUSTENTÁVEIS E VEGANOS

Cadeia produtiva: biotecnologia e bioindústria (*startup*).

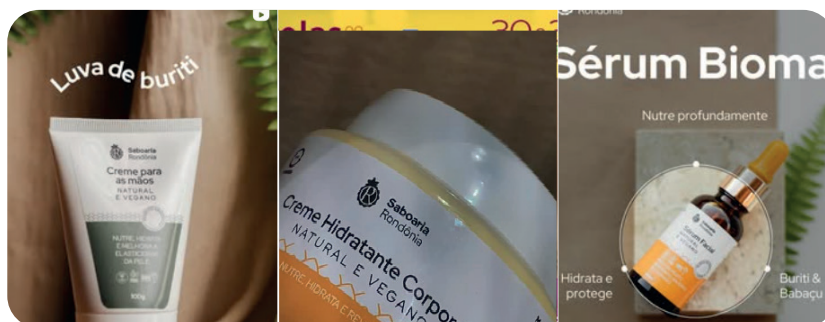
Organização/Instituição: Saboaria Rondônia de Ouro Preto do Oeste.

Representante: Jaqueline Freire, CEO.

Localidade: Ouro Preto do Oeste, Rondônia, Brasil.

Atuação: produção de cosméticos sustentáveis e veganos, para aromaterapia, linha de saúde e cuidados corporais e capilares.

Instagram: @saboaria.rondonia



ATUAÇÃO E CONTEXTO

A Saboaria Rondônia produz cosméticos sustentáveis e veganos a partir de ingredientes da Amazônia, envolvendo mulheres rurais e povos tradicionais em toda a cadeia, que ajudam a manter a floresta em pé. Fundada com o propósito de oferecer cuidado natural, acessível e eficaz, combina saberes tradicionais com inovação científica.

A marca destaca o protagonismo feminino na produção consciente e na conservação dos ecossistemas amazônicos. Atualmente, comercializa mais de 25 produtos notificados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), nas linhas corporal, facial, capilar, sólida e de aromaterapia e ainda terceiriza para outras marcas. Com forte presença no mercado brasileiro, a empresa também exporta para Suíça, Alemanha, Portugal e Estados Unidos, tornando-se referência em bioeconomia amazônica.

Alia parcerias com povos tradicionais e indígenas, e dá protagonismo à participação das mulheres na produção consciente, com conservação dos ecossistemas. e ainda terceiriza para outras marcas.

PONTO DE VISTA



"A Amazônia não tem só árvores. Tem pessoas com conhecimento ancestral, tecnologia e potencial. O TXAI mostra isso para o mundo.

No nosso empreendimento, fazemos a compra de insumos e valorizamos a cadeia produtiva regional de óleos, manteigas, café e mão de obra. Alguns insumos temos que buscar fora da Amazônia, mas a maior parte é da nossa própria região".

Jaqueline Freire, CEO da Saboaria Rondônia



Na Saboaria, são valorizados debates sobre gênero e preservação ambiental, especialmente o protagonismo de mulheres da floresta. Para a empresária, a bioeconomia deve garantir que as comunidades tenham acesso aos recursos e possam se beneficiar deles. Na região, o extrativismo dentro de territórios indígenas é fundamental, e a empresa atua valorizando produtores e insumos locais.

A renda vem da compra de óleos, manteigas, café e outros insumos regionais, além do uso de mão de obra local. A empresa reduz impactos ambientais ao utilizar quase todos os insumos da Amazônia. Os maiores desafios envolvem o acesso a financiamento e investimentos para ampliar a produção. Há vários exemplos replicáveis, como a fabricação de velas com ouriços de castanha e a produção de café por mulheres indígenas.

As políticas públicas existem, mas, segundo a entrevistada, são insuficientes e, muitas vezes, não chegam aos pequenos produtores. Eventos como o **TXAI AMAZÔNIA** mostram o potencial regional em sua dimensão humana e cultural, além da ambiental. Para a empresária, é essencial dar visibilidade às mulheres empreendedoras e aos negócios que já funcionam, fortalecendo redes e conectando iniciativas locais.



3.19 YUPRIMAVERA COMUNIDADE KAUWÊ



YUPRIMAVERA: SISTEMAS AGROFLORESTAIS E SABORES DA FLORESTA

Cadeia produtiva: gastronomia amazônica sustentável, a partir de produtos florestais não madeireiros (PFNMs).

Organização/Instituição: Yuprimavera – Comunidade Kauwê.

Representante: Vera Luci Brandão, empreendedora e engenheira agrônoma.

Localidade: Comunidade Kawê, Terra Indígena Raposa Serra do Sol, Pacaraima, Roraima, Brasil.

Atuação: sistemas agroflorestais e sabores da floresta, como a produção de jujubas artesanais de cupuaçu.

Instagram: @yuprimavera



ATUAÇÃO E CONTEXTO

Localizada na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, no município de Pacaraima, no Estado de Roraima, a comunidade Yuprimavera atua a partir de sistemas agroflorestais e sabores da floresta. A comunidade produz jujubas artesanais de cupuaçu, a partir de receitas tradicionais, unindo conhecimento ancestral e inovação local e valorizando a cultura indígena.

O empreendimento promove a geração de renda e a valorização cultural, além de incentivar práticas sustentáveis e incentivar boas práticas ambientais. Suas ações contribuem para o etnoturismo e o fortalecimento da economia local.

O negócio, que começou pequeno, cresceu e hoje gera sustento para as famílias. Os sistemas agroflorestais de café também se destacam na comunidade, utilizando o cultivo orgânico e combinando conhecimentos tradicionais com a agricultura familiar.

PONTO DE VISTA



“Eu vendia a polpa a R\$ 10 o quilo, mas não dava para viver. A receita estava esquecida num panfleto antigo. Melhorei, adaptei com o que tinha e hoje a receita é nossa”.

Vera Luci Brandão, empreendedora da Yuprimavera



Durante o seminário, a representante da comunidade considerou destaque iniciativas como o artesanato de capim dourado, que mostram como atividades simples podem gerar renda relevante. Para ela, a bioeconomia é a comercialização dos recursos naturais disponíveis, transformados, como jujubas de cupuaçu, café artesanal e artesanato em barro. A produção de café especial é vista como um grande potencial de crescimento.

As práticas consolidadas incluem painéis de barro, café artesanal e a produção de jujubas, além da agricultura familiar, do turismo e do artesanato, que geram boa parte da renda. O turismo de base comunitária é considerado a prática de menor impacto ambiental, pois preserva o modo de vida local. O principal desafio é a legislação que restringe a comercialização de produtos por se tratar de uma reserva indígena, limitando acesso a mercados fora do Estado e no exterior.

Há casos replicáveis no artesanato e em produtos feitos por famílias da comunidade. Não existem políticas específicas de incentivo à produção local nem ações estruturadas de combate ao desmatamento, devido às limitações legais. Para a entrevistada, os debates devem incluir temas como sustentabilidade e políticas públicas, e eventos como o **TXAI AMAZÔNIA** ajudam a dar voz às comunidades, ampliando visibilidade e reconhecimento para suas práticas sustentáveis.



Apresentação da Yuprimavera durante o Seminário TXAI Amazônia (2025)



4. COOPERAÇÃO E CAPACITAÇÃO – UNIVERSIDADE SEBRAE

ARTICULAÇÃO ENTRE SABER ACADÊMICO E EMPREENDEDORISMO

Em complemento aos *cases* apresentados, o **Instituto Sapien** convidou instituições que atuam com capacitação, desenvolvimento tecnológico e profissional da Região Amazônica. Para demonstrar aos empreendedores as possibilidades de aprimoramento de negócios, a Universidade Federal do Acre (UFAC) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae Acre) apresentaram o potencial de inovação na Amazônia, a partir da integração entre conhecimento e empreendedorismo.

Essa articulação com o conhecimento científico/acadêmico possibilita inovações e novas oportunidades de crescimento aos pequenos e médios negócios. Desde o início da parceria, a Universidade Sebrae fomenta projetos de pesquisa na área de bioeconomia que possam ir para o mercado e ajudar as pessoas no seu dia a dia, com impacto social.



O Sebrae apoia e impulsiona a bioeconomia por meio de projetos que visam capacitar, orientar e conectar pequenos negócios e empreendedores do setor. A atuação se concentra em ações de:

Capacitação: oferece cursos e materiais (como a série de e-books sobre empreendedorismo sustentável) para que empreendedores entendam e apliquem os princípios da bioeconomia em seus negócios.

Inovação e Tecnologia: promove a inovação aliada à conservação ambiental, estimulando o uso de tecnologias e conhecimentos científicos para desenvolver produtos e serviços sustentáveis.

Fortalecimento de Cadeias Produtivas: atua no fortalecimento das cadeias produtivas regionais, valorizando os recursos e saberes locais, como é o caso de projetos na Amazônia que apoiam *startups* a desenvolver produtos com potencial de escala.

Conexão com o Mercado: ajuda a conectar pequenos negócios de bioeconomia com parceiros, investidores e mercados mais amplos, incluindo a promoção da internacionalização.



Portal: <https://universidade.sebrae.com.br/>

“A bioeconomia é exatamente o trabalho que fazemos nas universidades, junto aos pesquisadores. Todos os projetos que incentivamos têm base na bioeconomia e o que tiver conhecimento, podemos transformar em negócios de grande impacto”.

Rosa Nakamura, gestora de Inovação do Sebrae Acre



“A ideia da apresentação foi mostrar como o Sebrae consegue acelerar negócios, transformando pesquisa em retorno para as pessoas. Muitas vezes, é o resultado de um trabalho de mestrado ou doutorado que vira startup ou um negócio inovador, que passa a contribuir de forma real para a Amazônia”.

Vander Nicácio, consultor de Inovação do Sebrae Acre

“É muito importante a interação entre o Sebrae e a Universidade porque precisamos unir forças para levar nossa pesquisa e nossos profissionais até o mercado. Essa articulação entre ensino, pesquisa, extensão e negócios é essencial para unir a bioeconomia à economia local, respeitando a biodiversidade e a cultura de cada povo”.

Profa. Dra. Almecina Balbino Ferreira, da UFAC



5. SÍNTESE EXECUTIVA

A **Síntese Executiva** a seguir complementa este **Levantamento e Sistematização de Bioeconomia – Cases e Boas Práticas nos Estados Amazônicos**, a partir dos 19 *cases* apresentados durante o **TXAI AMAZÔNIA: Seminário Internacional de Bioeconomia e Sociobiodiversidade**, realizado pelo **Instituto Sapien** no mês de junho de 2025, em Rio Branco, Acre. Tem por objetivo apoiar a formulação de políticas e estratégias de fortalecimento da bioeconomia amazônica, sob a perspectiva de sustentabilidade e inclusão. As análises das entrevistas consolidam as percepções de empreendedores, lideranças comunitárias e representantes de iniciativas de bioeconomia na Amazônia Legal, com foco em práticas sustentáveis, desafios e recomendações para políticas públicas.

Principais achados

- ◆ **Conceito de Bioeconomia:** entendimento consolidado da bioeconomia como uso sustentável dos recursos biológicos, integrando conservação ambiental, geração de renda e inclusão social. Ainda há lacunas conceituais e demanda por capacitação técnica.
- ◆ **Potenciais Econômicos:** cadeias de produtos florestais não madeireiros (óleos, sementes, frutos), biotecnologia e turismo comunitário são as mais promissoras. A valorização de resíduos e biomassa foi apontada como tendência de inovação.
- ◆ **Práticas Sustentáveis:** o extrativismo de baixo impacto ambiental, a agroecologia e o manejo comunitário foram reconhecidos como modelos econômicos que mantêm a floresta em pé e fortalecem saberes locais.
- ◆ **Desafios Estruturais:** as principais barreiras incluem falta de crédito específico, infraestrutura precária, carência de assistência técnica e dificuldades de comercialização. Políticas de fomento ainda são pontuais e de difícil acesso.
- ◆ **Cases Destacados:** iniciativas como Amazon Biotechnology, Coletivo do Pirarucu, RECA e as Quebradeiras de Coco Babaçu demonstram a viabilidade da bioeconomia comunitária e de base territorial.
- ◆ **Políticas Públicas:** há reconhecimento de avanços locais (REM Acre, Regulariza Pará), mas com alcance restrito. Reforça-se a necessidade de políticas integradas e permanentes de incentivo à bioeconomia regional.
- ◆ **Avaliação do Projeto TXAI:** o **TXAI AMAZÔNIA** foi considerado um espaço estratégico de intercâmbio, visibilidade e formação de redes entre comunidades, empresas e instituições públicas.

Recomendações

- ◆ Fortalecer políticas de crédito e fomento específicas para bioeconomia regional.
- ◆ Investir em infraestrutura logística e capacitação técnica descentralizada.
- ◆ Apoiar certificações, rastreabilidade e acesso a mercados justos.
- ◆ Integrar saberes tradicionais e inovação tecnológica nas cadeias produtivas.
- ◆ Promover fóruns permanentes de intercâmbio e articulação entre comunidades, governo e setor privado.



6. SÍNTESE ANALÍTICA CONSOLIDADA DAS ENTREVISTAS

1. O QUE É BIOECONOMIA PARA VOCÊ?

A bioeconomia é compreendida majoritariamente como o uso sustentável de recursos biológicos para geração de valor econômico, social e ambiental, com base na floresta em pé. As entrevistas convergem quanto à necessidade de conciliar produção, conservação e inclusão social. Há também entendimento de que a bioeconomia deve agregar valor às cadeias locais, com inovação e rastreabilidade, valorizando saberes tradicionais e tecnologias sustentáveis. Divergências surgem na clareza conceitual: parte dos empreendedores associa o termo à sustentabilidade em geral, enquanto outros o vinculam à biotecnologia e à economia verde.

2. QUAIS OS POTENCIAIS BIOECONÔMICOS DESENVOLVIDOS E A DESENVOLVER EM SUA LOCALIDADE?

Os potenciais identificados concentram-se nas cadeias de produtos florestais não madeireiros (óleos, sementes, frutos, resinas), na biotecnologia aplicada à produção de mudas e bioativos, no turismo de base comunitária e na bioconstrução. Há consenso de que o aproveitamento de resíduos agroflorestais, como caroço de açaí e biomassa, é um campo promissor. Entre os desafios para o desenvolvimento, destacam-se logística, ausência de infraestrutura e falta de mercado estruturado. Alguns casos já demonstram avanços na verticalização e agregação de valor local, mas a diversificação ainda é incipiente.

3. QUAIS AS PRINCIPAIS PRÁTICAS ECONÔMICAS GERADORAS DE RENDA EM SUA LOCALIDADE?

A agricultura familiar, o extrativismo de produtos florestais, o artesanato e o serviço público aparecem como as principais fontes de renda nas comunidades representadas. Em áreas mais urbanizadas, há presença de pequenas indústrias e *startups* de base biotecnológica. O extrativismo sustentável e as cadeias de pesca e agrofloresta são citados como alternativas econômicas compatíveis com a conservação ambiental.

4. QUAIS DESSAS PRÁTICAS MENOS IMPACTAM O MEIO AMBIENTE?

Há convergência em torno das práticas baseadas no manejo sustentável, no extrativismo não madeireiro e na agroecologia como as de menor impacto. O uso de resíduos como insumo produtivo e o manejo de espécies nativas são apontados como exemplos de economia circular. As cadeias de capim dourado, borracha, pirarucu manejado e óleos vegetais se destacam como boas práticas replicáveis. Ainda assim, a falta de controle de queimadas e o uso de insumos externos seguem como desafios.



5. QUAIS OS PRINCIPAIS DESAFIOS PARA TORNAR ESSAS PRÁTICAS MAIS RENTÁVEIS E SUSTENTÁVEIS?

Os principais entraves indicados são o acesso limitado a crédito, a ausência de políticas públicas específicas para bioeconomia, gargalos logísticos e falta de capacitação técnica. Também se destaca a dificuldade de comercialização e de acesso a mercados com preço justo. Há percepção de que a burocracia e a carência de infraestrutura impedem o crescimento de negócios de impacto socioambiental. Recomenda-se o fortalecimento de assistência técnica, inovação e políticas de fomento regionais.

6. CONHECE ALGUM CASO DE SUCESSO DE USO DE RECURSOS AMBIENTAIS PARA DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL REPLICÁVEL EM SUA LOCALIDADE?

As experiências relatadas incluem iniciativas reconhecidas como a Amazon Biotechnology, o Coletivo do Pirarucu, a Saboaria Rondônia, o Projeto RECA e a associação das Quebradeiras de Coco Babaçu. Em comum, todas demonstram a viabilidade econômica de modelos baseados na floresta em pé e na organização comunitária. A replicabilidade depende de apoio técnico e de políticas consistentes de mercado e certificação de origem.

7. CONHECE CASOS DE SUCESSO DE COMUNIDADES TRADICIONAIS ECONOMICAMENTE CONSOLIDADOS?

As comunidades ribeirinhas, indígenas e de mulheres extrativistas são amplamente reconhecidas como protagonistas em cadeias sustentáveis. Exemplos incluem o manejo do pirarucu, a produção de óleos e o artesanato tradicional. A maioria dos entrevistados defende o fortalecimento dessas experiências como referência de inclusão produtiva, embora ressalte a necessidade de ampliar a visibilidade e o acesso a mercados institucionais e privados.

8. EXISTEM POLÍTICAS PÚBLICAS E BOAS PRÁTICAS CONTRA O DESMATAMENTO E QUEIMADAS EM SUA REGIÃO?

A percepção é que as políticas existem, mas com eficácia limitada. Foram mencionados programas estaduais como REM Acre e Regulariza Pará, e ações pontuais do Ibama, ICMBio e secretarias estaduais. A ausência de fiscalização consistente e o avanço de queimadas no período seco são preocupações recorrentes. Os entrevistados pedem maior integração entre as políticas ambientais e econômicas.



9. EXISTE ALGUMA POLÍTICA PÚBLICA DE INCENTIVO À SUA ATIVIDADE EM SEU ESTADO OU MUNICÍPIO?

Os incentivos são considerados insuficientes e fragmentados. Alguns empreendedores citaram apoio do Sebrae, Fundações de Amparo à Pesquisa e programas como FNO Bioeconomia. Entretanto, predominam relatos de falta de acesso e de desconhecimento sobre editais e linhas de crédito. Há demanda por políticas de fomento que reconheçam a bioeconomia como vetor estratégico regional.

10. QUAIS TEMAS FORAM MAIS RELEVANTES NO SEMINÁRIO TXAI AMAZÔNIA PARA SEU CASE/ PRODUTO/PROJETO/EMPRESA?

Os temas mais valorizados foram a bioeconomia da floresta em pé, inovação tecnológica, inclusão de comunidades tradicionais, fortalecimento de cadeias produtivas regionais e protagonismo feminino. O evento foi visto como espaço de visibilidade e articulação institucional. Casos práticos apresentados foram considerados inspiradores e representativos da diversidade amazônica.

11. QUAIS TEMAS NÃO PODEM FALTAR EM UM SEMINÁRIO SOBRE BIOECONOMIA?

Os entrevistados enfatizaram a importância de debater políticas públicas, repartição de benefícios, inovação, inclusão social, educação ambiental e protagonismo das comunidades. Há convergência sobre a necessidade de unir teoria e prática, com apresentação de casos reais e oficinas técnicas. Também foram citadas pautas emergentes como economia circular, gênero e juventude.

12. COMO UM SEMINÁRIO OU EVENTOS DO TIPO PODEM CONTRIBUIR PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA AMAZÔNIA?

A percepção geral é de que esses eventos fortalecem redes de cooperação, promovem visibilidade a empreendedores e comunidades, e influenciam políticas públicas. São vistos como instrumentos de difusão de boas práticas, integração de saberes e estímulo à valorização da floresta em pé. O compartilhamento de experiências foi identificado como fator-chave para consolidação de uma bioeconomia inclusiva e sustentável.



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este diagnóstico apresentou iniciativas da bioeconomia amazônica que variam entre *startups* de base biotecnológica — como Amazon Biotechnology e Amazonly —, até cooperativas ou associações consolidadas, como a ASPROC, o Projeto RECA e o MIQCB. Também se destacam iniciativas culturais e artesanais ligadas à sociobiodiversidade, como as empresas Da Tribu, Yuprimavera e a Casa Dourada. Entre as cadeias produtivas mapeadas, destacam-se os segmentos de:

- ◆ **Biotecnologia e cosméticos:** uso de bioativos e plantas nativas com alto valor agregado;
- ◆ **PFNMs e extrativismo sustentável:** castanha-da-Amazônia, babaçu, sementes, borracha e frutos diversos;
- ◆ **Bioenergia:** com destaque para o carvão de açaí, de inovação regional;
- ◆ **Bioeconomia criativa:** *design*, biomateriais, moda e iniciativas culturais;
- ◆ **Agroflorestas:** modelos que promovem impactos socioambientais positivos; e
- ◆ **Gastronomia amazônica:** produtos alimentares artesanais e identitários.

A bioeconomia deve ser compreendida não apenas como oportunidade, mas como um processo que exige governança participativa, políticas públicas consistentes e investimentos contínuos. Na Amazônia, a consolidação da bioeconomia exige planejamento integrado entre governos, setor privado, academia e comunidades locais. Para alavancar o potencial da bioeconomia regional, foram destacadas as seguintes necessidades:

- ◆ Fortalecer o marco legal e institucional;
- ◆ Estimular cadeias produtivas sustentáveis;
- ◆ Ampliar investimentos em ciência, tecnologia e inovação; e
- ◆ Criar mecanismos de financiamento adequados às realidades locais.

Questões como regularização fundiária e infraestrutura adequada são desafios ainda a serem superados. Assim, a Amazônia poderá liderar a transição para uma economia de baixo carbono, consolidando-se como referência global em desenvolvimento sustentável com base na biodiversidade e na valorização dos saberes tradicionais. Entre as perspectivas de avanço, concentram-se ações como:

- ◆ Ampliação de mecanismos de certificação socioambiental;
- ◆ Fortalecimento de cooperativas e associações como instrumentos de organização e escala produtiva;
- ◆ Integração entre políticas públicas e investimentos privados; e
- ◆ Incorporação de inovação tecnológica voltada à sociobiodiversidade.

Estratégias dessa natureza têm potencial para ampliar a geração de valor dos produtos, consolidar mercados diferenciados e, sobretudo, melhorar a qualidade de vida das comunidades envolvidas, assegurando a conservação da floresta em longo prazo.



Algumas cadeias produtivas, embora apresentem potencial significativo, ainda não possuem estruturação e visibilidade. É o caso da pesca artesanal e do turismo de base comunitária, que necessitam de maior apoio institucional, investimentos em infraestrutura e fortalecimento organizacional para se consolidarem como alternativas econômicas sustentáveis. A Amazônia brasileira representa hoje uma das maiores potencialidades para a construção de um modelo de desenvolvimento verdadeiramente sustentável, que seja capaz de enfrentar os múltiplos problemas do século XXI: climáticos, sociais e econômicos.

A ausência de dados financeiros públicos sobre a maioria dos empreendimentos revela a necessidade de um processo estruturado de monitoramento e avaliação de indicadores. Para isso, é essencial desenvolver um questionário-padrão para as próximas edições do projeto **TXAI AMAZÔNIA**, que permita garantir a coleta de informações sobre estrutura, produção, impacto ambiental, impacto social e desafios enfrentados por cada organização.

A partir da consolidação futura desses dados, será possível construir indicadores de impacto, mapas regionais, análises de potencial de crescimento, identificação de gargalos de políticas públicas e recomendações de investimento. O presente relatório é, portanto, uma etapa inicial para a construção de um *Panorama Integrado da Bioeconomia Comunitária e Inovadora da Amazônia e Territórios Conexos*, apoiando instituições governamentais e não governamentais, redes de cooperação, tomadores de decisão e investidores.

A elaboração deste documento buscou consolidar os depoimentos e dados dos *cases* relacionadas à bioeconomia apresentados durante o seminário **TXAI AMAZÔNIA**, com potencial para levantamentos mais completos e abrangentes. O documento oferece a oportunidade de que tais experiências possam servir de modelo e subsídio para ampliar a escala, a competitividade e a sustentabilidade dessas cadeias produtivas, consolidando e ampliando a bioeconomia amazônica.









txai
amazonia

Seminário
Internacional de
Bioeconomia e
Sociobiodiversidade

APOIO



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA
INTEGRAÇÃO E DO
DESENVOLVIMENTO
REGIONAL



ISBN: 978-65-01-82257-0



Sites:

www.sapien.org.br
<https://txaiamazonia.com.br/>



Contato:

txaiseminario@sapien.org.br



Redes sociais:

@txai.amazonia